

→ Délia ← → Josefina ← → Maria Firmina ←



Um lugar
na estante

Um lugar na estante

↔ Délia ↔

↔ Josefina ↔

↔ Maria Firmina ↔

Esta obra busca dar o devido lugar na estante a Délia, Josefina e Maria Firmina, três escritoras brasileiras do século XIX e início do século XX. Suas obras e vidas, que evidentemente foram deixadas de fora do cânone literário brasileiro, aos poucos, vêm sendo resgatadas por pesquisas no campo das letras e literatura. Apesar de haver diversos outros tópicos que devem ser discutidos sobre o cânone literário, esse trabalho irá focar-se na questão especificamente do apagamento feminino.

Através do Design Editorial, buscamos reproduzir tanto a obra das escritoras, quanto trazer novamente a público seus nomes e histórias, tentando reconstruir suas imagens, humanizando-as e personificando-as como indivíduos, com contextos e vivências distintas.

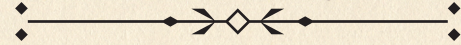
Para acessar o audiolivro das obras, use o link ou escaneie o QR Code ao lado:

<https://www.youtube.com/channel/UC1rtGLww9DpgpXf4j4LOz6Q>



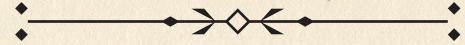


DÉLIA (MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)



DUAS IRMÃS

DÉLIA (MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)



DUAS IRMÃS

Id quo totae reperiore volorro velit ut volessum, nihiciur, archilit quam doluptusae endite plibearit veribus eiumquibus volupiciet ped.

Verum qui que dolupta turecep eriberitist vellent oditemp orporrupis eos eosanto. At doluptame poria pelectatur.

Ipsanti

Oriate Ipsa Volorryum

Aute ipsaectur

Udam Nullit Voluptam

Utem

Ommo Culpa

Nobistiatur Alic Totatem

Quianimaxim Dolorepel

Restibus, tet doluptati sa quae consed molum quia consequi quam adis qui venissi aut abore ma erio. Tem reptas poris aut omni repro inumquibea numque es as alignih illendae non exceat.

Ellit, solupicit lis etur, sum quia sam
(Sapis exero tem doluptae pereper)

Aperibus, Luptam

Quid esed est / exeresequi net vollit; que molo quiam eiumquam doluptatum nis

Vellore, solorec eptiur maíos
enimo comnis porem vollent omnist fugiaepudita
Sequam

Quiandae quae consed:
Molum quia consequi quam

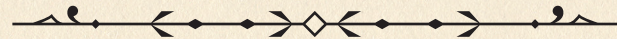
Venim

Inum, nem ratquaturiae sit late.

Non es magnim ad moloreicidem.

In peritas verio. Igniandus.

Fugit utessimolo totatet vitatem poreicatem etur?

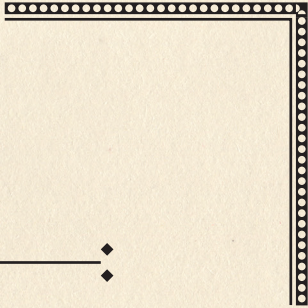


O conteúdo desse livro foi retirado da *Coleção Rosas de Leitura*, onde se encontram diversos livros de Maria Benedita Bormann reeditados a partir da pesquisa produzida por Norma Telles e pode ser acessado pelo link: https://www.normatelles.com.br/colecao_rosas_de_leitura/

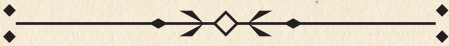
O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi editorado em ambiente acadêmico, não tendo como objetivo sua comercialização.



DÉLIA (MARIA BENEDITA CÂMARA BORMANN)



ÍNDICE



I 17
II 25
III 32
IV 38
V 43
VI 48
VII 55
VIII 69
IX 75
X 80
XI 91
XII 96
XIII 101
XIV 105
XV 111
XVI 120

DÉLIA

MARIA

BENEDITA

CÂMARA

BORMANN

Maria Benedita Câmara Bormann nasceu em Porto Alegre (RS) em 25 de novembro de 1853 e aos 10 anos (1862) mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Filha do primeiro Viscondes com Grandeza de Pelotas (RS), Patricio Augusto da Câmara Lima e de Maria Luisa Bormann de Lima (TELLES, 2013), teve uma irmã chamada Julieta e dois meio-irmãos Patricio e Frederico, do primeiro casamento de seu pai.

Délia casou-se com José Bernardino Bormann (1844-1911), seu tio materno, no dia 7 de dezembro de 1872, ele era Capitão da Infantaria e participou da Guerra do Paraguai, além de cursar a Escola Militar, se formando no ano de seu matrimônio. O casal não teve filhos. Na época de seu casamento, Délia vivia com os pais na casa número 48 da Rua do Resende, na cidade do Rio de Janeiro, a qual ainda existe e desde 1934 abriga uma repartição pública. O sobrado, ainda foi lar de sua personagem Celeste, do livro do mesmo nome, de 1893 e também foi onde a escritora faleceu no ano de 1895 aos 42 anos (TELLES, 2013).

Norma Telles (2013) afirma que das poucas informações que se pode descobrir até o momento sobre Maria Benedita, sabe-se que ela escreveu desde bem jovem e que selecionava os textos, queimando os que não lhe pareciam bons. Délia era talentosa, jovial e irônica e existem comentários da época que afirmam que ela “desenhava bem e cantava com uma linda voz de mezzo-soprano” (TELLES, 2013).

Délia completou a educação formal e se aprofundou nos estudos, característica que levou para suas protagonistas, que eram estudiosas e preparadas ao contrário da maioria das personagens femininas da época. Além disso, falava muitas línguas, o que pode ser visto em sua obra. Entretanto, Bormann disse várias vezes que suas histórias eram construídas a partir de experiências vividas, fatos da ficção e da imaginação e alertou para que não se confundisse sua vida com a de suas personagens.

Em seus escritos, Délia buscava retratar a mulher definida por ela mesma, e não por convenções da época que geralmente a colocavam como mãe, dedicada exclusivamente ao lar e à família, sem vontade ou história. A liberdade para suas protagonistas era sempre longe do casamento, permitindo expor “hipocrisias que encobriam a instituição do matrimônio burguês” (TELLES, 2013).

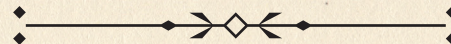
Maria Benedita questiona a falta de acesso da mulher à educação e preparo para o mundo, apontando isso como a “causa dos desacertos sentimentais das moças” (TELLES, 2013), chegando até a sugerir que as moças deveriam receber educação sexual, assunto muito à frente do seu tempo e que provoca polêmica até os dias atuais.

Além de escrever romances e contos, Bormann publicou durante dez anos para os maiores jornais do Rio de Janeiro, começando em *O Sorriso*,

passando por *Cruzeiro*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias* e o *Paiz*, todos jornais abolicionistas e republicanos. Além de produzir para jornais de propriedade de mulheres como o *A Mensageira*, de Prisciliana Duarte, e o *A Família*, de Josephina Álvares de Azevedo.

Bibliografia:

- Magdalena* (1879)
- Estela* (1882)
- Estrelas Cadentes* (1882)
- Duas Irmãs* (1883)
- Uma Vítima* (1883)
- Aurélia* (1884)
- Angelina* (1886)
- Lésbia* (1890)
- Estátua De Neve* (1890)
- Celeste* (1893)
- Contos Breves* (1880-1895)



Em um dia de fevereiro, quente e brilhante, um homem de 50 anos, forte e de feições acentuadas, achava-se em seu gabinete, passeando, agitado, nervoso, como quem deseja quebrar um obstáculo ou empreender uma luta.

Sua enérgica fisionomia, dominada pela apreensão de próxima resistência, tornara-se sombria.

A natureza sanguínea e imperiosa transparecia-lhe nos olhares duros, nos gestos convulsivos, na celeridade do andar.

Nascera para déspota, não o podia ser inteiramente e isso o torturava.

De repente, como quem toma uma decisão, tocou violentamente a campainha: um fâmulos acudiu.

— Prevína á Deia que a estou chamando! disse com os dentes cerrados.

Passou, então, a mão pela frente, procurou compor o semblante e sentou-se, mais serenos, diante da secretária...

Pouco esperou; o reposteiro ergueu-se, dando passagem á uma criatura, elegante, pálida, altiva: um desses seres, que se isolam, que se sustem nos transe da vida, rejeitando consolos banais e lágrimas, impotentes.

Entrou, sem temor, envolta nas dobras do *peignoir* de cambraia, soberana como verdadeira rainha, bela, radiante, no frescor de suas vinte primaveras.

Com voz grave, triste e contraltina, disse:

— Meu pai, aqui estou.

— Sente-se, disse ele asperamente, designando-lhe uma cadeira; - temos que conversar.

A moça fitou-lhe o olhar profundo, viu-lhe a crispção da face, adivinhou o que lhe ia dizer, corou de leve e cruzou os braços, esperando acusação ou sentença.

— Sei que se desmandou, que esqueceu seus deveres, perdendo-se, loucamente, com seu primo Jorge, um miserável, além de toleirão, que abriguei em meu teto e a quem protegi! Julga, porém, que consentirei nesse casamento?

— Meu pai, perdão!... Aliás, Jorge promete reparar a nossa falta!

— Não casará: o seu pérfido sedutor, que eduquei, gastando tanto dinheiro, o é ainda mais. Você não é feia, pode e deve fazer melhor escolha e tenho alguém em vista. Cabe-me o direito de ser severo

pela sua conduta. Fecho, porém, os olhos e procuro melhorar-lhe a sorte; já vê que deve obedecer ou será muito ingrata!

— Casarei com Jorge... porque... nos amamos e porque só a ele poderei pertencer! disse ela, com ímpeto.

— Mas se desistisse, por ser mais ajuizado que você, por compreender que, duas pobrezaas não se unem, para não cortar seu futuro? disse o pai com pérfida doçura.

— Ele?! Exclamou a moça; impossível!

— É a verdade, disse o pai, quase triunfante; daqui a pouco, ele lhe dirá isso mesmo.

— Jorge?... quero vê-lo, já! O senhor me ilude! Murmurou ela lívida.

O pai tocou o tímpano e mandou chamar o sobrinho.

Ergueu-se ela, apoiou, sem calor, sem luz, os braços no espaldar da cadeira, vivendo pelos olhos e pelo ouvido.

Perturbado, confuso, entrou Jorge, sem olhar para a moça, que procurava tudo lhe adivinhar no rosto.

Dor medonha, sensação de ferro em brasa mordeu-a no coração: começava a duvidar do amor desse homem a quem tudo sacrificara: a experimentar essa primeira decepção, essa primeira ferida, que não cicatriza nunca, reabre todas as vezes que a alma sofre novo embate e distila amargo vírus, que envenena as mais leves, alfinetadas.

Adiantando-se ao pai; interpelou, em tom vibrante ao primo:

— Jorge, concorda com, meu pai, não quer casar comigo?

Empalideceu o moço; corou e balbuciou:

— Sim, meu tio tem razão, somos pobres, eu não a cercaria do bem-estar que merece.... Pode ainda fazer um bom casamento e estimo-a bastante para desejar a sua felicidade, e não a estorvar.

Vendo que a moça não o interrompia, criou alguma coragem e prosseguiu, com mais calor:

— Esqueçamos o passado.... foram criancadas. Quanto á minha indiscrição, nada receie, poderá viver tranquila e respeitada: querer-lhe-ei como a uma irmã.

Enquanto ele falava, sentia Deia a razão vacilar no cérebro.

Seria sonho ou realidade? Pois aquele ente desprezível, egoísta e que, sem dúvida, mirava algum interesse, fora o homem a quem votara afeição fraterna, afeição, que se fundira lentamente em sentimento ardente e avassalador?

Quisera estar sonhando e, baixinho, como sob a ação de atroz pesadelo, seu coração bradava, trêmulo - meu Deus, faze-me despertar!

Era verdade: ante si, tinha a vil palidez do amante, sem afeto, sem decoro, sem generosidade; do homem

que a desonrara, seduzido pela sua beleza, deixando-a, depois, inútil, despedaçada!

Fugira, como indigno ladrão que, ao roubar cintilantes pedras, esquece no pó da estrada o mimoso escrínio, que as guardava.

Era verdade: o abjeto pai quase sorria, regozijando-se com a sua angústia, em bárbara volúpia bebendo as lágrimas amargas do seu doido coração, vendo, mentalmente, o desmoronamento de todas as suas ilusões e esperanças!

Fustigaram-na, como um látego a baixeza de um e o sarcasmo do outro: a altivez sufocou a dor.

Com a face marmórea e os negros olhos tempestuosos, dirigiu-se ao primo:

— O senhor é um miserável! nunca mais.... nunca mais, ouviu! me dirija a palavra, morri para o senhor, ou então morreu para mim; eu o desprezo!

Empalideceu o moço: compreendera quanto merecia aquela despedida e sentia uma espécie de pesar: habituara-se á grandeza daquela alma, que o repudiava, depois de o haver acariciado tanto tempo!

Curvou a frente e saiu.

Deu ela rapidamente costas à essa porta, por onde desaparecia o seu passado e, cruzando o olhar com o do pai, como lâmina, de florete, disse serena, embora com lágrimas nos cílios:

— Estou convencida; o que mais deseja?

*Nascera para
despota,
não o podia ser
inteiramente*

— Firmar o seu futuro. Você conhece Maurício Barreto, um homem interessante, uma bela fortuna; pediu-a em casamento e eu o quero, o que, diz?

— Recuso! respondeu a moça, escandalizada.

— Não o acha digno de si? Inquiriu o pai com ironia.

— Pelo contrário; indigno-me com a ideia de o iludir. Se me apresentasse um homem, como tantos que há por aí, talvez, eu o aceitasse; porém o Maurício é melhor que os outros.

— Mas é ele que me convém por mil razões. Você há de casar, do contrário separá-la-ei de Julieta, contar-lhe-ei a sua falta, e verá a existência que lhe criarei!... Sabe, aliás, para quanto presto.

— Daqui há um ano, serei maior, poderei suportar este inferno até lá e depois me emanciparei!...

— Sim, viverá, quem sabe como?

— Não! mas ensinarei o que aprendi e viverei, sem a sua presença, longe desta atmosfera maldita, respondeu ela, com desespero.

— Há de casar, digo-lhe, ainda que seja preciso empregar a força.... e caminhou para ela, hediondo, convulso.

Fulvo lampejo passou, pelos olhos da moça, um desses lívidos clarões, em que a dignidade humana se confunde com o instinto do crime, em vulcânica erupção da alma.

A febre de suas pupilas magnetizou a brutalidade do adversário.

Ergueu ela, mais altivamente a fronte contraída e ele deixou decair o braço ameaçador.

Afastaram-se, olharam-se de longe e a filha disse, com sarcasmo:

— Refleti e aceito; Maurício ou outro qualquer é sempre o mesmo, a infâmia não tem gradação, é ou não é! A minha será imposta pela sua vontade... Aceito-a, por zombaria, nojo, tédio pelo mundo e pelos homens, que nada valem aos meus olhos!...Mas, sobretudo, sufoco a minha dignidade pela ameaça de me separar de Julieta e perder-me em seu conceito!...O senhor bem sabia em que ponto sensível tocava, ameaçando-me!...Deixe-me, ao menos, naquele coração viver pura e santamente!

— Bem, murmurou o pai, com voz rouca, - tomou juízo, vivera feliz e há de me agradecer um dia!

— Mas peça-lhe um favor, isto é, suplico-lhe que me diga a verdade... quem lhe revelou a minha desgraça? inquiriu a moça.

— Sua madrasta, que se interessa por você e que me obrigou a ser indulgente; sua madrasta, cujo afeto você não reconhece.

Indefinível sorriso passou mais pelos olhos do que pelos lábios de Deia, percebeu-o o pai e acrescentou:

— Duvida? Ah! não lhe perdoa ter vindo ocupar o lugar de sua mãe...

— Cale-se, não fale, hoje, em minha mãe! bradou a moça, fremente, dardejando um olhar de fogo.

*Mascara para
despota, não
o podia ser
inteiramente
e isso o
tenturava.*

Com voz afetadamente calma, perguntou o pai:
— Darei, então, a Maurício resposta satisfatória?
Considere-se, nesse caso, noiva, desde já.
Fez ela um sinal de sombrio assentimento e saiu.
O pai respirou mais desassombradamente.

II

Vinte anos antes, esse pai tirano era, então, moço, nem bonito, nem feio, primeiro escriturário da alfândega da Corte, com aspirações a conferente, pondo em jogo mil empenhos e combinações para alcançar o seu desideratum, que, algum tempo depois, conseguira.

Tinha trinta anos, boa saúde e alguns, conhecimentos superficiais sobre as graves questões daquela época, conversava e dançava bem, não contraia dívidas, nem dava escândalos.

Em matéria matrimonial, podia ser reputado em conta de *bom partido*.

Também os papás de filhas disponíveis lhe adejavam em torno, em ridículas zumbaias e Carlos de Araújo vi-se realmente embaraçado em escolher a soirée, que devia honrar com sua presença, tal a profusão de convites.

Passava, em suma, agradavelmente a vida.

Uma feita, porém, julgando azada a ocasião para casar, passou em revista todas as suas conhecidas e a imagem de uma só apagou a lembrança de qualquer outra, e escaldou-lhe o sangue.

Fora Amélia Ruiz a preferida: de origem espanhola, era alva, risonha, viva, sorrindo na cintilação dos negros olhos, elegante, bem contornada, e de me-neios provocantes, realçados por voluptuosa ondulação no andar.

Ela amou, com a ternura da sua natureza apaixonada e ativa, ao passo que era desejada por ele, com a impetuosidade de um temperamento sanguíneo e brutal, centauro a querer a posse de uma sílfide.

Na intimidade, Amélia cedo compreendeu que o marido a apreciava tanto quanto ás atrizes e cocottes: dela só queria gozar a beleza, desconhecendo todas as delicadezas do seu coração, mostrando-se grosseiro, banal, indigno enfim dos extremos dessa mulher, gentil, amante, e, prematuramente, grave.

Sentindo-se mãe, exultou de alegria.

Consagrou-se ao pequenino ser que trouxera em si: beijou a filha, chamo-a Diana e esqueceu ao seu tépido contato as decepções do casamento.

Dois anos depois, outra rolinha veio juntar-se á primeira e com elas dividiu seus sorrisos e carícias.

Diana e Julieta eram o seu horizonte, a sua alegria, e o seu consolo.

Embalando-as, vendo-as rolar, róseas e alegres, pelo tapete, sorria docemente, bendizendo-as e tecendo em sua pura imaginação um ameno futuro para esses querubins, que o céu lhe confiara.

Amou-as com o instinto materno, com o ardor de imensa ternura refreada, com todos os ímpetos de sua juventude.

Amava-as igualmente: enquanto amamentava uma, afagava os cabelos da outra, falando-lhe, aguçando-lhe a curiosidade, despertando-lhe a inteligência.

Um dia, banhando Diana, com a paciência e alegria que sentia em tratá-las, enxugou-a, enfiou-lhe a camisinha rendada, cheirando a jasmim, e colocou-a no alto de um móvel, sobre almofadas, voltando-se a ocupar-se com a outra.

Era meio dia, a claridade enchia o aposento, iluminando a gentil miniatura, ofuscando-a mesmo, pois Diana franzira o sobrolho, brincando com os botões de seus sapatinhos.

Olhou-a a mãe, dirigindo-lhe uma pergunta, e ficou-se, surpresa, encantada pela graça senhoril daquele entezinho:

— Oh! meu anjo! minha Deia, é assim que te chamarei, ouviste, Deia, Diana?!

Enviando-lhe um beijo na ponta dos dedos, Deia lhe sorriu, imitando assim o gesto que a mãe fazia muitas vezes. Daí em diante, tomou esse nome que bem lhe quadraria.

Amélia as viu crescer, sadias, meigas, dóceis, cedo lhes ensinou a ler, amenizando com beijos e promessas o tédio desses primeiros ensaios; eram inteligentes, queriam agradecer-lhe, por isso aprenderam depressa.

Sensata, instruída, guiou-as até certa idade; então, chamou professores, assistindo às lições, interessando-se por tudo, premiando-as, quando mereciam, zangando-se ao faltarem a qualquer dever.

Não ia aos teatros e divertimentos, sem primeiro as fazer estudar. Antes de adormecê-las, ouvia-lhes as orações que lhes ensinava, elevando-lhes a alma às puras e doces regiões da fé.

E era moça bonita, desiludida e cortejada!

Ao voltar dos teatros e das reuniões, fatigada, esquecendo as palavras sedutoras e ardentes, que, por ventura lhe haviam dirigido, encaminhava-se, para o aposento das filhas e contemplava-lhes o tranqüilo sono, semelhante ao que dormira, em sua infância.

Sentia-se, então, leve, calma e, unia as mãos, murmurando:

— Meu Deus, deixai-as dormir sempre assim!

Santa criatura! as duas imaculadas rolas lhe enchiam a vida, apagavam a imagem do indigno marido, livravam-na do desespero e salvaguardavam-na do mal!

Desprendiam-na da terra, elevando-a acima do paul¹, esses frágeis bracinhos roliços. Cadeia de carinhoso arminho!

Carlos de Araújo respeitava essa idolatria materna, e, por vaidade, não fazia observações sobre a educação das filhas, cujos professores pagava de boa vontade.

Bem depressa as meninas compreenderam o que havia entre os pais: de um lado resignação, do outro grosseria: adoraram a mãe e sentiram afastamento pelo pai.

Amélia leu-lhes n'alma, apertou-as ao dorido seio, procurando atenuar a má impressão que haviam recebido.

Foi, inútil, elas sorriam ao pai, somente, quando o viam menos rude para com a mãe.

Atacada de uma afecção pulmonar, Amélia chamou o médico, e seguiu escrupulosamente o que este lhe prescrevera, temendo deixar as filhas, em tão tenra idade.

Junto á elas enclausurou-se, gozando de suas presenças, deleitando-se com seus sorrisos e carinhos, despedindo-se a todo momento desses pedacinhos do seu ser.

¹ Pântano.

Vendo-a abatida, a murchar lentamente, fugindo aos seus bestiais transportes, Carlos recrescia de irritação contra a mísera e a maltratou-a ainda mais.

Para que escrúpulos com a mulher inútil, que se finava!

Com a perspicácia das crianças que assistem, desde muito cedo, aos tristes dramas domésticos, as meninas, que adivinharam intuitivamente a brutalidade paterna, sofriam agora ainda mais e de modo diverso.

Deia lançava ao pai um olhar repleto de indignação, Julieta chorava em silêncio; ambas acercavam-se na mãe, como para a protegerem.

Durante três anos, Amélia lhes deu o exemplo ela maior resignação e ternura: nunca seus lábios murmuraram uma queixa contra o marido.

As filhas de sua alma, porém, liam-lhe os pesares no brando coração amargurado e, ao algoz dessa adorada vítima, não perdoavam.

Mantinhm-se junto ao leito da moribunda, sempre solícitas, ouvindo-lhe os conselhos, gravando-os no espírito, beijando-a e enxugando-lhe as lágrimas.

E, quando o frio mortal, para sempre enregelou aqueles carinhosos braços, que as haviam embalado, ergueram as fronte febris e, no auge

do desespero, cerraram-lhe as pálpebras, uniram-lhe as mãos, mas sem pavor, nem pueril receio do contacto da morte.

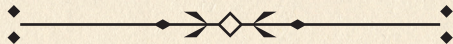
Tinha Deia quatorze anos e Julieta doze, mas a dor lhes dera a gravidade de outra idade, fazendo-as padecer, recordar-se e refletir.

Velaram a querida mãe, contemplaram-na quanto possível, beijaram-na loucamente e viram-na partir, encerrada naquele caixão luxuoso, estreito, de onde não saíria mais.

Então, sentiram-se, verdadeiramente, sós, sem ninguém!



III



Tomou Deia o governo da casa, continuando a instruir-se e cuidando na irmã; estudavam com o mesmo ardor de outrora, pois sabiam que assim satisfaziam os desejos da mãe: bastava-lhes essa iDeia para incentivo.

Durante três anos, viveram em completa liberdade, tranquilas, felizes por se verem juntas, e consagrando a mesma afeição fraterna a Jorge, sobrinho de seu pai, sob cuja tutela se achava, de há muito.

Desfrutava Carlos a sua viuvez, indo aos teatros, ás ceias orgiásticas, voltando tarde para casa, sem escrúpulos, perfeitamente feliz, alegre, bem disposto.

Parecia haver renunciado a novo consórcio, o que muito agradava ás filhas.

Um belo dia, porém, lembrou-se de frequentar casas de família, indo por si mesmo cair nessas ratoeiras sempre prontas para apanhar incautos.

Sentiu-se preso, aos quarenta e oito anos, pelos olhos faiscantes de uma morena de vinte anos, ardente, endemoninhada, que deveras o enfeitiçou.

Viram bem as filhas a insensatez do pai, calaram-se, porém, e receberam sem entusiasmo e com muitas prevenções essa madrasta, quase tão jovem como elas.

A esse tempo foi que Jorge, se apaixonou por Deia e que esta, ao calor dos seus protestos, ouviu o despertar do coração, palpitante ao apelo do amor, sorrindo-lhes Julieta, meigamente, como um raio de esperança.

À madrasta cometeu Deia o governo da casa: Ester, a sorrir, apoderou-se da administração doméstica, como se apoderara do marido.

Opondo-lhe as enteadas, serenas e atenciosas, a reserva de suprema antipatia, adivinhou-lhes ela os sentimentos, odiou-as e tratou de as desterrar completamente do túbio coração do pai.

Conseguiu-o com os artifícios de mulher má e vingativa, bela, ardente, dominando até á cegueira o homem libidinoso, a quem se unira, e que via e pensava conforme ela queria.

Com a sua maligna perspicácia, notou o amor de Jorge e Deia; fingiu não o perceber, e até deixou-o atear-se, proporcionando-lhes longos colóquios.

*Ensinarei o
que aprendi
e viverei.*

Sucedeu, então, o que esperava: a mocidade venceu todos os receios e a infeliz moça foi seduzida.

Tendo certeza desse resultado, conhecendo a ambição do marido quanto aos futuros genros, enamorada de Jorge e querendo vingar-se da repulsão das enteadas, revelou a Carlos a falta de Deia, induzindo-o a perdoar-lhe, a demonstrar a Jorge, a loucura de uma união entre dois entes pobres e a aproveitar o ensejo de satisfazer o pedido de Maurício Barreto.

Jorge, fraco, sem caráter, *digno sobrinho de seu tio*, achou muito acertadas as observações de Carlos; concordou, com tudo, visto poder assim se livrar da responsabilidade; e já que o pai fechava os olhos, para que ter mais escrúpulos?

Demais, aparecia-lhe Ester, tão formosa, tão provocante!...

Saberia compensá-lo bem da forçosa perda de Deia; quanto, ao despeito desta, via-o em breve desvanecido, pois, casar com um belo moço e desfrutar uma fortuna, não lhe pareceria nenhum exílio na Sibéria!

De dedução em dedução, chegava, às vezes, a persuadir-se de que contribuía para a prosperidade da prima: tal era a lógica dos depravados!

Tinha vinte cinco anos esse previdente rapaz, uma constituição robusta e uma consciência endurecida ou encouraçada.

Despachante da alfândega, trabalhava, porque precisava do dinheiro para satisfazer seus vícios: do contrário, viveria em absoluta ociosidade.

Como pudera, Deia, essa alma fidalga, amar a semelhante néscio?

Misérias do coração! indignidades inconscientes!

A mulher, quando estremece, empresta ao ente amado todas as virtudes e grandezas humanas, e funda nessas quimeras as suas esperanças e ilusões.

Ao despertar, ferida pelo ingrato, não só lhe desapareceram essas belas qualidades imaginárias, como também a entidade, que as personificava; fica unicamente a sensação de imenso vácuo no dorido peito.

Acabando de falar á filha, do modo porque ficou narrado no primeiro capítulo, foi Carlos ter com a mulher e tudo lhe contou.

Exultou ela de contentamento, pois temia a relutância da enteada; sempre risonha, saboreou, de antemão, as torturas da mísera donzela.

Trôpega, aniquilada, entrara Deia em seu aposento: Julieta bordava junto á janela; voltou-se ao vê-la e estremeceu.

— Deia, o que tens? perguntou ela, assustada, o que houve? que palidez!

Sentou-se a outra ao seu lado, e, com voz surda e os olhos secos, disse:

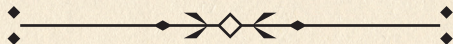
— O que há? querem que eu case com Maurício Barreto!

— Como? e Jorge que te ama, não se opõe?

*Sua madrasta,
cujo afeto você
não reconhece.*

*Digno
sobrinho de
seu tio*

IV



Daí há três meses é que o casamento se devia realizar, em maio, na estação das rosas e dos amores.

Durante esse tempo de espera, mostrou-se Deia cortês, amável, ouvindo com atenção a conversa do noivo, sempre instrutiva e agradável.

Todos os dias lhe enviava ele um mimo, uma lembrança, uma prova de que nela pensava.

A moça tristemente recebia esses dons, que a faziam violentar-se ainda mais.

Era Mauricio filho único de abastado negociante; formara-se na faculdade de S. Paulo, viajara muito pela Europa, instruindo-se sempre e desfrutando o que a sua fortuna lhe proporcionava.

Voltou ao Brasil, perdeu o pai e tendo recebido a herança entrou na administração de seus bens, passando a viver de suas rendas.

Chegara aos trinta anos, tendo gozado sabiamente de tudo, conservado o coração ileso, e recusado unir-se

a mulheres que lhe indicaram para consortes, e a quem não amava.

Foi Deia o seu primeiro amor, e nele expandiu todo o ardor do seu natural concentrado.

Era o homem talhado para aquela mulher: caráter leal, reto, generoso, aureolado por distinta aparência, maneiras irrepreensíveis e fisionomia varonilmente bela.

Alto, musculoso, elegante, olhos vivos e negros, cabelos escuros, franco sorriso, fino bigode sedoso, queixo forte, denotando pertinácia, mãos e pés pequenos.

Deia o teria amado, se o houvesse conhecido antes da catástrofe, que despedaçara sua vida e ilusões.

Dir-se-ia nascidos um para o outro; suas almas gêmeas se teriam fundido em doce enlace... mas há na vida duras fatalidades, que tudo separam e despedaçam!

Quisera Mauricio vê-la mais expansiva, perceber um lampejo de ternura, um arroubo feminino naqueles olhos profundos; de tudo porém se consolava, tudo esquecia ao contemplar-lhe a misteriosa e tocante beleza.

Além disso, demasiado a amava: seu infinito afeto emprestava á moça uma reciprocidade imaginária, que lhe parecia abafada pela natural reserva dela e pela presença de Ester.

*Mauricio é
melhor que
os outros.*

Efetivamente, a madrasta estava sempre á sala, temendo a revolta da sua vítima. Inútil receio! Deia manteria sua palavra, afrontaria o desconhecido, obedecendo apenas aos ímpetos de sua natureza, seguindo, cegamente, o que lhe dissesse a reta consciência.



Raiou o dia 3 de maio, esplêndido de sol, de frescura e azul: a natureza sorria nas flores, no ar, na luz: na atmosfera corria magnético fluido, predispondo ao bem, ao riso, ao amor.

Deia acordou cedo e desceu ao jardim; passeou lentamente pelas alamedas, ouvindo, distraída, o chilrar dos passarinhos: pensava na mãe e na infância.

Como tudo passara tão rápido deixando-lhe viva saudade!... se a mãe vivesse, quão diverso seria o seu futuro!... quão diverso fora o seu passado!

Sentou-se nos bancos rústicos, onde tanta vez cismara em suas ilusões de moça; divagou pálida, serena, sem lágrimas, sem que o adorável rosto traísse seus pesares!

Voltou ao quarto, quando Julieta despertava, dando-lhe o primeiro sorriso: abraçou-a longamente, espalhando sobre ela as flores que maquinalmente colhera.

— Á tarde, efetuou-se o casamento: muitos carros, muita gente á porta da igreja.

Lembrou-se o padre de fazer uma prédica, louvando a grandeza do matrimônio, seus doces deveres e suas incalculáveis compensações.

Linguagem vulgar, assunto abstruso, tibia convicção: causava sono e tédio aos náufragos do dito sacramento, embalava as ilusões das meninas casadoiras, servia de zombaria aos rapazes saturados de can-cans e obrigava alguns chefes de família á uma atitude ridiculamente hipócrita.

No dizer do bom do padre, o casamento era a síntese da bem-aventurança!

Parodiemos a frase Jesus:

— Perdoai-lhe, Senhor, não sabia o que dizia!

Era padre, estava livre dessa medonha conscrição, mais desastrosa, em seus resultados, do que a guerra, onde, aliás, se perde um braço, uma perna e mesmo a vida!

Suportando os convencionais abraços, Deia chegou até a madrasta, que, tentando enlaçá-la, encontrou no braço da enteada uma rigidez que a obrigou afastar-se recebendo apenas um forte e nervoso aperto de mão com o qual a moça quisera poder despedaçar o seu destino e a mulher que o criara.

Chegando á casa as convidadas solteiras reclamaram cravos e flores de laranja; Deia lhas deu em profusão.

*Meu Deus,
deixai-as
dormir sempre
assim!*

*Felizes
por se
verem
juntas*

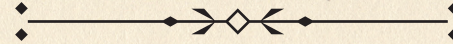
Mais tarde, pedindo-lhe Julieta um botão a queixar-se de ter sido esquecida, empalideceu Deia e disse, com certa impaciência, chegando-a vivamente ao seio:

— Não! não te quero dar o que dei à todas! toma meus beijos! - e beijou-a, com frenesi.

Estremeceu Julieta, sem saber por que, e meigamente sorriu áquela irmã, tão linda, á quem obedecia sempre, sem replicar.



V



Às onze e meia, Deia e Mauricio desapareceram.

Passando indiferente pelas salas bem adornadas e pelos aposentos magníficos, a moça ao entrar no *boudoir*, feito de seda, dourados e tapetes, despediu a criada e deixou-se cair no divã.

Volveu o olhar em torno: tudo lhe parecia festejá-la em carinhosa saudação; a ternura e o apurado gosto de Mauricio transpiravam naquele encanador retiro.

Que infinda tristeza lhe conturbou o ânimo! Curvou um minuto a fronte, mas ergue-a, de repente, pôs-se de pé, tirou a grinalda e o véu, lançou-os sobre um móvel, olhou-se ao espelho e espantou-se pelo demudamento² de seu rosto.

Ouvindo passos, encostou-se à escrivaninha de charão dourado: assomou à porta Mauricio, belo, transfigurado, com a sublime palidez das supremas

² Alteração, transformação.

emoções; e sorrindo, adiantou-se, tomou-lhe as gélidas mãos, tentando conchegá-la a si e beijá-la.

Recuou a moça espavorida, com o olhar incendiado³: Mauricio assombrou-se e sentiu o coração triturado.

Não era aquele gesto resultado de exagerado pudor, mas de patente repulsão; então, compreendeu a frieza que ela sempre lhe mostrara e a violência com que o afastara no carro, queixando-se de falta de ar, quando lhe tentara dar o primeiro beijo.

Ao mísero parecia que o soalho lhe fugia sob os pés; julgava-se vítima de cruel pesadelo, mas reagindo contra a angústia, que o pungia, disse:

— Causo-lhe aversão, Deia?

— Não, respondeu ela, mas tive horror de mim mesma, ao seu contato!...Ouça-me, julgue...e condene-me!

E não podendo sustentar-se, sentou-se, convidando-o com o gesto a fazer o mesmo. Depois, trêmula, altiva, com dolorosa expressão, disse, apertando as mãos:

— Enquanto viveu minha mãe, fui feliz: felicidade agri-doce, pois vi, bem cedo, que a pobre só nas filhas achava a ventura, que a sorte lhe negara! Perdi-a!...Há três anos, casou-se meu pai com a mulher que o domina, apagando-nos completamente no seu coração, onde, aliás, mal havíamos conseguido entrar.

“Sem mãe, moça, amei... e o homem, a quem distingui, abusou do meu amor! Soube meu pai de

³ Ardente; cor de fogo, rubro; exaltado.

tudo; ainda assim ordenou-me que o desposasse, Mauricio, porque também era pobre o ente que me desonorara, e, no entender de meu pai, não se unem duas pobreza!...Indignada, recusei, dizendo-lhe que não poderia casar com outro, mas zombou, declarando que era muito ajuizado o meu sedutor, pois concordava em que me devia casar com a fortuna de alguém!...

“Pode calcular como me dilacerei à vista de tantas baixeiras! Demais, ameaçava meu pai atormentar-me, separar-me de Julieta, que é meu único afeto no mundo, e perder-me em seu conceito!... Sabia muito bem em que ponto tocava e quanto me consumia!... Impaciente, chegou a levantar a mão para me bater; sublevei-me então, louca de dor, indignação, e desespero, e consenti em casar, Mauricio!...Foi talvez uma infâmia, mas lava-me a consciência esta triste lealdade, que me leva a rebaixar-me dizendo-lhe que não sou a mulher pura, que julgava desposar! Pronta estou a sair do seu teto para viver parcamente, lecionando em qualquer província, onde ninguém me conheça! Não voltarei à casa paterna, isso nunca!... Diga-me o que devo fazer, consente que me retire?”

A gotejar de angústia ouvira Mauricio aquela voz adorada rasgar-lhe as carnes e trucidar-lhe a alma, matando-lhe todas as ilusões e afastando-o para sempre da ventura, que sonhara!

Por que o esmagara aquela horrível desgraça, a ele, que sempre leal e humano fora?

Sofria seu amor próprio ludibriado pelo sogro que não trepidara em vender a filha, apesar de lhe conhecer a falta; e tinha ímpetos de despedaçar o crânio do infame com um tiro.

Confrangia-se-lhe, porém, o coração, calculando o que devera ter padecido essa criatura, bela, altiva e nobre, que não temera afrontar a sua cólera, confessando-lhe a desonra, e que queria viver pelo trabalho, quando se poderia tornar cúmplice do pai e desfrutar grande fortuna.

Via-a pobre, pálida, maltrapilha, formosa, exposta à dor, à miséria e à prostituição; combaliu-se de atroz sofrimento e experimentou dó entranhável e louco ciúme dessa mulher, em quem jamais pretendia tocar, mas que amara santamente.

Com os olhos febris, a boca seca e um tom soturno e firme, disse-lhe:

— Deia, continuará sob este teto; será mulher daquele a quem aceitou, por despeito, raiva e...

Vendo um gesto impetuoso da moça, acrescentou:

— Nada receie, será minha mulher, em nome somente; salvaremos as aparências; terá toda liberdade nesta casa.

Aproximando-se de um reposteiro, continuou:

— Esta porta põe em comunicação os nossos aposentos, a chave fincará do seu lado, feche-a para sempre....Até amanhã, senhora!

Depois da saída do marido, surpresa, convulsa, humilhada, não sabia Deia o que pensar: sofreria aquele homem de modo medonho? amava-a extremamente? levava a delicadeza ao ponto de sufocar as mais justas exprobrações de sua cólera e decepção? ou era simplesmente um ente perverso a meditar tremenda vingança?

Cruzavam-se tais perguntas no cérebro da mísera, martirizando-a, e fazendo-a corar e descorar simultaneamente.

Daria a vida inteira, naquele momento, para adivinhar o que ele sentia e pensava.

Levantava-se, passava junto à porta de comunicação, dava volta à chave, recuava, percorria o aposento em todos os sentidos e caía no divã, de quando em quando, com as pernas frouxas, sem ideias, abstrata, murmurando ininteligíveis palavras.

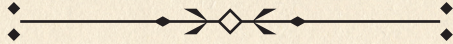
Ao clarear do dia, sentiu frio intenso, os dentes batiam; rapidamente despiu o vestido de cetim, amarrotado, fanado como o seu destino, vestiu a roupa de dormir e penetrou na alcova nupcial.

Ia trôpega, cobiçando o leito, exausta, sem reparar no mimo desse ninho, que a esperava.

Com as pálpebras a cerrar-se, deitou-se e adormeceu profundamente.

DUAS IRMÃS

VI



Padeceu Mauricio de modo dolorissimo.

Teve alucinações, raiva, aflição profunda: chorou toda sua mocidade esvaecida; viu romper o dia, sem um minuto de repouso, sem a mínima esperança de consolo.

Resolveu vingar-se do homem que causara sua desdita; procurou adivinhá-lo com a intuição do ódio; e sempre a imagem de Jorge se lhe apresentava ao atribulado espírito, no fim de mil combinações, onde aliás entravam personagens estranhos!

Sim! era ele! sentia-o no furor que o acometia ao pronunciar-lhe o nome e nessa incompreensível teima do pensamento, aclarando vários incidentes a que até então, não ligara importância.

Fora a ele que Deia lançara, um dia, um olhar de indefinível desprezo, forçando-o a sair da sala, onde conversava com diversas moças.

À igreja, depois do casamento, passara ela diante do primo, sem lhe estender a mão: e Mauricio lera na

confusão daquela dúbia fisionomia o segredo de muitas vilanias.

De que modo se deveria, pois, vingar?

À sua bizarria só o duelo se apresentava, mas no Brasil ninguém se bate, e, embora o tentasse, legalizando, quanto possível, a morte dos combatentes por uma declaração escrita em mútua convenção, o que lucraria com isso o ofendido?

Se matasse a Jorge, não teria por isso o amor de Deia e suscitaria malévolos comentários sobre essa criatura, que desejava escudar à custa dos maiores tormentos.

Se morresse, ficaria para sempre privado de a ver e deixá-la-ia exposta a todo o gênero de perigos e ao tumultuar do próprio desespero, que lhe seria péssimo conselheiro.

E, por muito a amar, era ainda forçoso sacrificar-lhe o seu justo ressentimento e a satisfação do seu ódio!

Oh! amor a quantas obrigas!

Resignou-se em conclusão a abafar os gritos da dignidade ofendida e chorou amargamente.

De manhã, desfez o leito, e tentou dormir um pouco: pálido, mas correto e calmo, apresentou-se ao almoço; ninguém diria ao vê-lo, que esse homem passara por temerosa catástrofe.

Deia despertou duas horas antes do almoço, quis orar, não pode.

*Mauricio é
melhor que
os outros.*

Assaltou-lhe o espírito a lembrança do que sucedera na véspera; teve consciência do que lhe cumpria fazer, ergueu-se, olhou-se ao espelho e tocou a campainha.

Estava desfigurada, lívida, e de olhos pisados.

Era cruel estigma de sua horrível insônia, que os fâmulos não saberiam adivinhar, extremando os paralelos existentes entre o desespero e o prazer.

Entrando a criada, a moça recebeu-a com a máscara, que usaria toda a vida.

Doravante, deveria aparentar o que não sentisse e devorar suas mágoas só, no silêncio do seu quarto, quando todos dormissem e os seus soluços não pudessem ser ouvidos.

Arranjou os cabelos, enfiou um *peignoir* azul marinho de casimira bordada, que ainda mais lhe patenteava a palidez, e esperou, como autômato, a sineta do almoço.

Saiu, ao ouvi-la; à porta do *boudoir*, encontrou Mauricio, que lhe ofereceu o braço, dando-lhe bom dia, ao qual respondeu em voz sumida, pondo a mão trêmula no braço do marido, compreendendo a delicadeza e o cuidado com que salvava as aparências.

Sentaram-se à mesa, comendo pouco, sentindo a angustia apertar-lhe a garganta e falando sobre banalidades, na presença do fâmulos, que os servia.

Deia só respirou ao entrar em seus aposentos, aflita, com o seio oprimido, experimentando o incomportável peso dessa existência de calceta⁴, que a sorte lhe dera e lembrando-se de que, diariamente, passaria por igual tortura!

E assim aconteceu.

Alguns dias depois, Mauricio a convidou para ir ao teatro.

Entrou no camarote, pálida, linda: todos a contemplaram; ela corou pelo seu luxo, pela atenção que despertava, pela aparência de ventura, que lhe era imposta.

Tinha sofrido, vestindo essas custosas roupas, adornando-se com essas jóias, sentindo-se arrebatada pela magnífica parelha de alazões, olhando a seda *mauve*⁵, que forrava o elegante *coupé*⁶, e que achava fúnebre; porque tudo isso lhe vinha do marido, para quem era uma estranha, porque essas comodidades lhe pareciam uma usurpação e a humilhavam.

Muito recebia e nada havia dado!

Também assistiam ao espetáculo o pai, a madrastra e Julieta: foram vê-la no primeiro intervalo.

⁴ Argola de ferro no tornozelo do prisioneiro, ligada por corrente de ferro a sua cintura ou ao pé de outro prisioneiro; grilhão, cadeia.
⁵ Cor rosa-arroxeadada ou violeta.

⁶ Carruagem inventada na França no século XIX, leva o passageiro atrás do condutor que fica do lado de fora.

Deia beijou ternamente a irmã, apertou a mão do pai e a de Ester, e olhou para esta fixamente, erguendo um pouco a fronte, com uma espécie de desafio, para que pudesse ver o abatimento do seu rosto.

Adivinhando o pensamento da madrasta e, mostrando-lhe o semblante martirizado pelas vigílias, queria demonstrar-lhe que conseguira iludir o marido que ela lhe dera: sucesso completo, venturoso, do qual suas feições fatigadas eram o resultado.

Ester empalideceu de despeito, recebendo em cheio a desdenhosa provocação daqueles olhos eloquentes, que tudo diziam em seu mudo irradiar.

Ordinariamente, tocava Deia o piano para passar as horas, e lia suaves poesias, que lhe infundiam sombria tristeza, sentindo contudo na alma imenso vazio, que poderia nada encher.

Irritava-se com a lembrança de Mauricio a importuná-la sempre, mostrando-se em toda a grandeza aquele amargurado coração, que não sabia desforçar-se, senão perdoando.

E a essa ideia de perdão, revoltava-se enrubescendo de pejo e exclamando com dolorosa ironia:

— Qual perdão! Apenas me despreza! quer salvar as aparências e condenar-me à humilhação! Está bem vingado!

Assim a amargura do desespero envenenava-lhe os mais generosos sentimentos, fazendo-a interpretar a

seu modo o nobre proceder do marido: tanto é verdade que a desgraça desnatura os melhores caracteres!

Enervada pelos pesares, e convidada sempre por Mauricio para sair, procurou no bulício e nos divertimentos cansaço ou olvido.

Mauricio a acompanhava sempre, com a mesma urbanidade.

No carro, junto a ela, mudo, quedo, respirando o perfume da formosa criatura, o infeliz experimentava o suplício de Tântalo⁷; e não lhe seria permitido fazer uma só exprobração!

Levando-a aos bailes, receava ver fugir-lhe de entre as mãos essa ave, cruelmente ferida, que desejava curar com o bálsamo de suas lágrimas e o lamento de sua agonia.

Ali, onde brilhava com a sua fatídica beleza, elevando o espírito dos que a contemplavam, quem sabe? talvez, um dia, deixasse esse vaporoso e suave nimbo, que circunda a fronte das mulheres jovens e lindas e que se chama – honestidade!

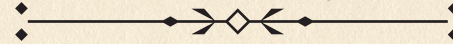
⁷ Refere ao sofrimento daquele que deseja algo aparentemente próximo, porém, inalcançável. A expressão deriva da figura mitológica grega de Tântalo, filho de Zeus, que tentou enganar os deuses roubando-lhes os manjares e pudins e em seu lugar servindo a carne de um de seus filhos. Foi condenado a nunca mais conseguir saciar sua fome ou sede mesmo vivendo para sempre em um vale verdejante.

Assim, o amor, que a ela votava, resumia todos os afetos humanos: compunha-se dos arroubos de Romeu, dos furores de Otelo e dessa paterna e protetora ternura, que tudo teme, prevê e revela.

Os extremos tocam-se e, às vezes, ele temia que aquele imenso afeto, que o fazia mártir, também o pudesse tornar vil e covarde!



VII



Seis meses depois, Deia cansou-se dessa correria a que se entregara e compreendeu que nada a distrairia.

Os homens, que a cortejavam, eram banais, enfiados, egoístas: todos se amesquinavam, quando os comparava a Mauricio; nenhum tinha o seu porte, ilustração e grandeza de alma.

Desprezou-os; compreendeu que não poderiam mitigar o seu desespero e prezava-se muito para se abandonar, apenas por capricho a seres tão ínfimos.

Demais, todo o seu sofrer provinha de uma falta, redimida pelo próprio amor, que a provocara e pela decepção de se ver iludida e desiludida; não era, portanto, justo que se consolasse na devassidão e no desregramento, que embota a criatura e não consegue matar a lembrança.

Não! deixa-a, pelo contrário, perdurar viva, dando-nos a consciência de nossas quotidianas baixezas, atormentando-nos com a ideia de uma regeneração

*Potem,
Mauricio é
melhor que
os outros.*

*O teria
amado*

impossível, fazendo-nos cair de falta em falta, até ao completo aniquilamento de toda a noção do bem!

E esses, por quem tudo sacrificasse, seriam os primeiros a desprezá-la, esquecendo as palavras ardentes e os grandes protestos, com que a seduzissem, achando que os havia atendido por vício, negando-lhe qualquer vislumbre de sentimento, que a pudesse diferenciar um pouco da besta-fera.

Tão abjeto raciocínio sai das cabeças perfumadas e elegantes dos nossos dândis, acha eco em seus poluídos corações, forma a opinião pública, esmaga a mulher que esquece seus deveres, destrói o efeito, eleva a causa, castiga a vítima e faz do culpado juiz!

Ah! se as mulheres soubessem o que se passa no espírito de seus amantes, quando se lhes entregam, crédulas, confiantes em lealdade e honra imaginárias!

Se pudessem adivinhar que uns as desejam pela beleza; outros só almejam vangloriar-se de as possuir; estes conseguem viver à custa de sua cegueira e se fazem pagar muito caro; aqueles aceitam-nas até por economia e que tudo concedem, em troca de tais infâmias!!

As que sinceramente amam, até que eles mesmos as desiludam com alguma indignidade, infundem compaixão e só tem a mácula de os haver amado!

As que se entregam por desfastio, capricho e pas-satempo, nada merecem: são perfeitamente infectas, como esses, a quem sorriem e acariciam.

Entre mil homens, pode haver um, que tenha a coragem de seus atos, que se responsabilize pela falta da mulher amada, que a proteja contra todos, com a ternura do seu afeto; são porém raras essas exceções e será melhor não as procurar.

Invadida pelo tédio, Deia no estudo e no apuro da inteligência buscou distração e paz.

A biblioteca de Mauricio era magnífica; ai achou que aprender: leu Büchner, Buemeister, Czolbe, Moleschott, Tuttle, Kraemer, Ângelus-Silesius, Huschke, Secchi, Faraday⁸.

Sofria, tendo sido sempre boa e amante: inquirira a si mesma e ao Deus, a quem adorara, por que tanto padecia; mas, tendo a consciência purificada pela dor, e crendo-se absolvida por ela, Deus não lhe respondera!

Os desgraçados raciocinam em demasia, revolvem muitas vezes o punhal na ferida, entretém a chaga e chegam a alargá-la na impaciência de a perscrutar.

Assim sucedeu à mísera: tanto interrogou, tanto deduziu, que duvidou desse Deus, tão mudo, que a tibieza da sua fé tornava inexorável.

⁸ Cientistas que adotavam a filosofia materialista em diversas nuances.

A ciência dos materialistas completou-lhe o descabro: ela se viu, um dia, senhora de tudo o que o talento produz, de tudo o que a humanidade conclui, e sentiu-se mais desolada que nunca!

Provera da matéria, representava-a, vivendo, e, ao morrer, volveria a esse princípio, sempre renascente e imorredouro!

Sofria; duas forças lutavam em seu seio: de um lado, o cérebro aceitava o raciocínio e o exame da ciência; do outro, o coração, palpitando por Mauricio, ansiava pela fé, pela crença em outro princípio soberano, diante do qual se curvassem homens e ciência!

Amava a Mauricio pela generosidade da alma de que era dotado, sublime, grande, irmã da sua.

Amava-o, como se pode amar outra porção do nosso ser, destacada do nosso organismo, e onde temos a certeza de tudo encontrar, deliciando-nos.

Amava-o, com o desespero de o haver perdido para sempre na vida e sem que nada lhe promettesse no futuro essa sabedoria, que lhe enchia o cérebro!

Maldita ciência, que tudo provas, que tudo matas!

Pálida, febril, curvava-se sobre os livros, querendo impregnar-se das ideias desses homens fortes, que pareciam afirmar o que escreviam.

Dolorosamente, meditou sobre estas palavras de Büchner⁹:

Por que teriam as noções religiosas, que designam a Deus como o ser eterno e infinito, mais privilégio que as da ciência? Pode a concepção dos naturalistas ser menos audaz que a sombria imaginação dos padres, cujo furor inventou a eternidade do inferno?

⁹ Ludwin Buchner (1824-1899), fisiologista e médico alemão, um dos expoentes do materialismo científico no século XIX; entre seus livros destaca-se *Kraft und Stoff* (1855), *Força e Matéria*, que se tornou livro fundamental de fisiologia materialista.

Mauricio é melhor que os outros.

A biblioteca de Mauricio era magnífica

Comentava depois Burmeister¹⁰:

Tudo quanto disseram do fim do mundo é tão vago como as tradições da sua origem, inventadas pelo espírito dos povos em sua infância; a terra e o universo são eternos, porquanto a eternidade é uma qualidade inerente à matéria. Porque há alterações no globo, o homem, cujo espírito não está esclarecido pela ciência, julga-o limitado e passageiro.

¹⁰ Herman Burmeister (1807-1892), zoólogo e entomólogo alemão, professor na universidade de Halle-Wittenberg. Viajou o Brasil entre 1850 e 1852, onde trabalhou com Lund em Lagoa Santa; acabou se estabelecendo na Argentina onde fundou o Instituto e o Museu de Buenos Aires.

Faraday¹¹:

O que desaparece de um lado, reaparece necessariamente do outro.

¹¹ Michael Faraday (1791-1867) químico e médico inglês, ou como se dizia então, filósofo natural contribuiu para a eletroquímica e foi um dos cientistas mais influentes da história.

Tuttle¹²:

Secchi¹³, apesar de padre, firmando-se na ciência, dizia:

Não há sopro, por mais leve que seja, nem vaga que se despedace sobre a praia, cujos movimentos não percorram o universo.

Na natureza nada pode ser aniquilado; da própria morte torna a sair necessariamente, e, por toda a parte, uma nova vida.

¹² Sobrenome de vários cientistas, dois astrônomos, mas talvez autora esteja se referindo a Albert Henry Tuttle (1844-?), naturalista norte americano que escreveu em jornais e periódicos científicos e de educação.

¹³ Pietro Angelo Secchi (1818-1878) astrônomo italiano diretor do Observatório na Pontifícia Universidade Gregoriana durante décadas. Ativo também em oceanografia, meteorologia e física criou um disco para medir a transparência da água em oceanos e lagos.

Moleschott¹⁴:

Lutero¹⁵:

O pensamento é um movimento da matéria.

Nada existe em nosso entendimento, que não haja entrado pela porta dos sentidos. O homem pensante é o produto de seus sentidos.

Deus é um quadro vazio, sobre o qual não há outra inscrição, senão a que aí puseres tu mesmo.

¹⁴ Jacob Moleschott (1822-1893), fisiologista e médico holandês, foi professor em Heidelberg, Zurique, Turim e Roma. Tornou-se muito popular também conhecido como palestrante expondo através de pesquisas a origem de animais e homens por processos naturais.

¹⁵ Martinho Lutero (1483-1546) iniciador da Reforma e também pensador tido como fundador da moderna cultura alemã.

*Deus é nada, não está nem aqui,
nem lá; quanto mais o quiseres
prender, mais te fugirá.*

*Logo que se morre, o corpo,
assim como a alma, não tem
mais sensação do que antes do
nascimento.*

¹⁶ Angelus-Silesius (1624-1676) é pseudônimo de Johannes Scheffler, filósofo, médico e jurista, conhecido por sua poesia mística considerada ponto alto da poesia barroca alemã

¹⁷ Gaius Plinius Secundus (23-79), conhecido como Plínio, o Velho para distingui-lo do sobrinho do mesmo nome, foi filósofo natural, historiador e comandante romano. Escreveu *Naturalis Historia*, em 37 volumes, o mais importante compêndio das ciências naturais antigas de grande influência na cultura Ocidental.

Deia fechava esses livros, com furor, como se quisesse esmagar com eles as ideias que encerravam, os homens que as haviam produzido e a angústia que a devorava.

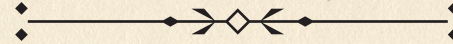
E vestia-se, às pressas, sem quase olhar para o espelho, embelezada pela dor, e, correndo ao teatro, e recostando-se no seu camarote, cerrava as pálpebras, ouvindo as sublimes harmonias da *Hebreia*¹⁸.

Criava, então, um mundo imaginário, onde as almas belas se amavam livremente.



¹⁸ Ópera em cinco atos de Fromental Halevy e libreto original de Eugenio Scribe foi apresentada pela primeira vez em Paris, em 1836. Foi uma das óperas mais populares e admiradas do século XIX. O enredo narra o amor impossível entre um cristão e uma judia e a peça era na época entendida como apelo à tolerância.

VIII



No dia do casamento de Deia, vira-se Julieta requestada por Cesário de Castro, moço amaneirado, dono de grande loja de modas e com fama de muito rico.

Era um desses seres que sabem encobrir seus defeitos; demais, não seria difícil iludir à ingênua e casta mocinha, à quem desejava agradar.

Procurou vê-la amiudadas vezes, mostrando-se afetuoso e apaixonado.

Vivia ela assaz triste com a ausência da irmã; não podia amar ao pai, a madrasta lhe era antipática, detestava a Jorge: deixou-se portanto prender pelos protestos desse homem, que a escolhera para consorte.

Acolheu perfeitamente Carlos de Araújo a esse genro, que lhe quadrava; e o casamento de Julieta realizou-se, seis meses depois da noite em que Deia achara abrigo sob o teto de Mauricio Barreto.

Enquanto durou essa cerimônia religiosa, que tantas vezes inutiliza duas criaturas, Deia sentiu o

coração confranger-se; teve ímpetos de arrebatara a irmã àquele sacrifício, onde aprecia vê-la imolada e fugir com ela para bem longe, livrando-a dos transes cruéis desta vida.

Tentou reagir contra o funesto pressentimento, ao abraçar Julieta, forma ideal, envolta em rendas vaporosas.

Não teria a desgraça receio de toldar aquela fronte angélica, onde se aninhavam mil aspirações celestes?

Alguna coisa de materno vibrou-lhe na alma; e Deia, a erudita, o espírito forte, ansiosa, buscou o rosto cadavérico de Jesus, e, com desespero, murmurou:

— Ó Deus, se existes, se a tradição não mente, protege-a! Deixa que eu só padeça! aceita meus cruciantes pesares, como resgate de sua ventura!

Algumas horas depois, o baile resplandecia de luz, perfume e animação: Deia dançava uma valsa; seguiram-na todos os olhares.

O corpo tinha a harmônica ondulação das bailarinas indianas; as rijas formas desenhavam-se sob o cetim luzidio; as espáduas emergiam num branco fosco, olímpicas, como que aviventadas por um sopro divino; e a cabeça pendia um pouco para trás, com a desesperança do precito, ante o infinito!

Dançou essa valsa somente, para embalar um frêmito juvenil, que a eletrizara; ao terminá-la, viu-se rodeada por um grupo de homens que a devoravam com a vista, falando em coisas indiferentes.

Animando-se insensivelmente a conversação falaram sobre mil assuntos e depois caíram na filosofia.

Mauricio aproximou-se, atraído, inconscientemente, pela mulher; receou que ela não se soubesse equilibrar nesse terreno, onde, em geral, as mulheres da nossa terra perderiam pé, mas ficou surpreso e sentiu verdadeiro orgulho, ouvindo a moça expender suas ideias.

Esta, com sua voz melodiosa, mostrou em que baseava suas opiniões; falou bem, com a eloquência do entusiasmo e pela satisfação de saber que Mauricio a ouvia; não olhava para ele, mas sentia que a aprovava e como ela pensava.

Com isenção de ânimo, dois ou três homens de incontestável merecimento admiraram-na; eram senadores da velha guarda, do tempo em que havia necessidade de saber, realmente, alguma coisa.

Os outros, mais modernos, menos premunidos, fingiam conhecer os nomes ilustres, que ela citava; mas achavam-na pedante e até menos formosa, porque os humilhava com sua superioridade.

Daí em diante, pela preguiça de aliarem um pouco mais de leitura útil às futilidades de suas nulas existências, teriam eles de evitar-lhe a conversação, limitando-se a um banal cumprimento.

Admirando Mauricio, com a elevação de sua inteligência e com a força do seu afeto, o talento e a ilustração de Deia, duplamente sofreu.

Essa adorável mulher tinha, então, mais esse mérito, muito subido e apreciável a seu ver, podia discutir com ele e caminhar além, até onde chegou à ciência moderna; entretanto continuaria como se lhe fosse uma estranha à sua convivência!

Pouco depois, Ester, ralada de inveja pelo esplendor da beleza de Deia, passou de braço com Mauricio, por junto dela, e, sorrindo, lhe disse:

— Deia, não tenha ciúmes!

A moça empalideceu, ergueu-se e replicou, baixando a voz:

— Não posso ter ciúme do que está ao alcance de todos! E, tomando outra direção, deu-lhe as costas.

Ester ficou lívida e desejaria estrangulá-la, com suas mãos nervosas.

Mauricio fingiu não ter ouvido o que dissera sua mulher, notando que a voz adorável sibilava, quando falou à madrastra.

Inquieta, sentindo o ciúme atormentá-la apesar da sua negativa, a moça aproximou-se de uma grande cesta de flores e amarrotou-as, fremente, murmurando:

— Quererá essa mulher roubar-m'ó, depois de m'ó haver imposto? Será sua missão arrebatam amantes e maridos alheios?

Pouco depois, estava Mauricio a seu lado, fatalmente atraído, e um néscio lhe dizia:

— Fazem inveja! o Doutor anda aqui, ali e volta sempre para a senhora.

Ambos coraram: Mauricio prontamente readquirindo a calma, respondeu, com seriedade:

— O meu procedimento é muito natural, e a vista de Deia tudo explica.

Ela sentiu o íntimo tremor agitá-la em dolorosa delícia: parecia-lhe a primeira vez que lhe gabavam a beleza, e, só nesse momento, teve prazer de ser bela, sabendo que o era para Mauricio!

Sorriu de modo inefável e ousou olhar para o marido, sem recear que a julgasse tolamente vaidosa, ouço tempo havendo decorrido que demonstrara quanto era diferente das demais mulheres, pela elevação de seu espírito.

Ele retribuiu o sorriso, mas a mísera lhe adivinhou a pungente tristeza e compreendeu que fora de simples formalidade.

Profunda melancolia abateu-a.

A imaginação, essa alada filha do céu, não teve mais ânimo de se elevar aos mundos fantásticos; absorta em amargura, a moça ouvia a música da sala próxima.

Ao entrar no carro, os cavalos espantaram-se: ela teria caído, se Mauricio não a arrebatasse, com ímpeto, nos braços musculosos.

*O terra
amado...*

Deia, de olhos fechados, tremia, não de susto, mas de indefinível emoção, palpitante ao contato do ente, que a protegera.

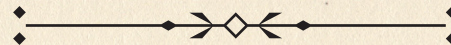
Teve-a Mauricio apertada ao peito, até que os animais fizessem a volta, domados pela força do cocheiro; colocou-a depois no coupé, sentando-se ao lado, pálido e trêmulo como ela, sem que a voz lhe saísse da garganta apertada, convulsamente, em horrível angústia.

E ambos cerraram as pálpebras para se concentraram nessa sensação de lancinante gozo, prolongando assim aquele delicioso tormento, em que suas almas se quedavam atônitas, em seus corpos entorpecidos de langor.

Naquela noite não dormiram: passaram horas e horas, suspirando, enervados, quase em delíquio¹⁹, com chumbo no cérebro, deslumbramentos e zumbido nos ouvidos, e lutando com a hidra de impacientes volúpias, subjugada por duas vontades valentes e inflexíveis!

¹⁹ Desfalecimento.

IX



O tempo passava lentamente para Deia: eram, porém, rápidos os momentos em que via Mauricio e só por esses ansiava, assim que o marido desaparecia de sua vista.

Contentava-se em saber que se achava na mesma sala que ele, em olhá-lo a furto, em lhe ouvir a voz, em lhe responder qualquer banalidade, na presença dos fâmulos.

Até praticava puerilidades: às vezes, logo que Mauricio saía, apressava-se em levar para seus aposentos o ramo de flores que ele aspirara, em apertar entre as mãos o livro, que ele deixara e até procurava seguir nas alamedas do jardim as pegadas de seus pés aristocráticos.

O amor lhe suavizara a altivez da beleza: a boca adquirira infinda tristeza, e o olhar, repleto da íntima ternura, com que se habituara a contemplar Mauricio, parecia beijá-lo, fazendo assim o que os lábios jamais ousariam.

*O terra
amado.
se...*

Muitas vezes chorava, aflita, receosa de que, com a morte, perdesse a faculdade de amar; pois, esse amor infinito acabaria com o extremo palpitar do seu coração?

Não! era impossível! a grandeza do que sentia deveria ter outro destino, outra esperança.

O martírio de sua alma reclamava um repouso, um lenitivo, uma recompensa; entretanto, na terra nada mais esperava e não acreditava no céu.

Oh! se pudesse ressuscitar a primitiva crença! Se pudesse esquecer o que a ciência lhe provara mais ou menos!

Se violenta febre lhe matasse a memória, deixando-a na completa ignorância de todas as coisas, talvez assim lhe fosse possível ter essa fé inquebrantável, cega, das mulheres piedosas!

Leu a Vida de Jesus de Renan²⁰: estilista admirável, engenho poético, sem contestação; mas de uma contradição manifesta e de frouxo convencimento no que afirma.

²⁰ Ernest Renan (1823-1892) historiador francês, famoso em vida e polêmico em seus textos sobre o cristianismo. A obra mencionada aqui contribui para seu renome, trata de mostrar que a vida de Jesus deveria ser escrita como a de qualquer outro homem; algumas de suas afirmações foram consideradas contraditórias e muito discutidas. Por outro lado, esse livro foi base para uma corrente anti-clerical que considerou Renan a encarnação do progresso cultural ocidental, como o moderno.

A moça percebia também em muitos outros autores essa dúvida latente, que entorpece a credulidade e destrói todos os efeitos da maior eloquência.

Meditou sobre Caro²¹, o mimoso filósofo das senhoras: espírito reverente ao seu culto, porém um tanto divagante, a perder-se em demonstrações sobre os erros das opiniões alheias em vez de claramente indicar as razões, que o levam a crer.

Por tal forma têm dissecado os controversistas os dogmas do cristianismo, ridicularizando-os, envenenando-os e combatendo-os em nome da ciência, que é muito difícil restituir-lhes a primitiva pureza e inteiramente os salvar do abismo da dúvida.

Tendo ouvido falar no padre Jerônimo, pregador afamado, Deia foi ouvi-lo.

O acentuado perfil do pregador destacava-se soberanamente da sombria sotaina, sai-lhe a palavra fluente, sonora, dos lábios irônicos e a inteligência brilhava-lhe nos olhos faiscantes.

Ante a juba possante daquele Danton do púlpito, cuja voz suscitaria uma revolução, Deia tremeu, mas não se sentiu tocada.

²¹ Elmo Marie Caro (1826-1887), filósofo francês, professor da Academia de Paris. Defendia o cristianismo contra o positivismo. Entre seus vários livros, *L'idée de Dieu* e *Le matérialisme et la science* (1868).

Não! aquela face leonina, convulsionada por íntimo fogo, deveria pertencer a um tribuno e não nascera para se aliar à palavra mansa, cheia de amor, da religião do Calvário!

Um dia, em uma igreja pobre, humilde, nitidamente caíada, encontrando um sacerdote, pálido e débil, a moça lhe pediu que falasse sobre o Evangelho.

De modo conciso, com verdadeira fé, sereno, alheio à palpitante ansiedade dessa formosa mulher, a quem nem mesmo via, o desconhecido padre percorreu algum tempo.

Deia sustinha a frente, fechava os olhos para se concentrar e só perceber essa voz fraca, doentia, desprendida já do mundo, demandando essa região de paz infinita, que tão bem descrevia e onde se encontra o supremo descanso.

Associando o seu padecer àquela alma branda, que parecia despida das amarguras da vida, Deia sentiu que o pobre homem fundira em um só amor toda a sensibilidade do seu ser espezinhada por mil dores, abrigando no seio da religião o que de afetuoso e santo lhe restava.

Oh! por que não daria a Deus somente, o que Mauricio não podia aceitar? por que não crer nessa eternidade, que lh'o restituiria depois da morte, sem a cegueira dos preconceitos, amante, carinhoso, belo!

Os soluços sufocaram-na e o padre disse ao ouvi-los:

— Padece muito, filha!

— Muito! Respondeu ela.

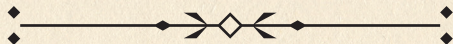
— Quer confessar-se? Aliviar seu peito?

— Não! voltarei, talvez, um dia e então....adeus!

E, triste, chorosa, saiu, com a intenção de se abraçar à cruz, até que a fé a salvasse, ou que suas carnes se despedaçassem nesse desesperado amplexo!



DUAS IRMÃS
DEIA (MARIA BENEDITA CÂMARA BORNHART)
DUAS IRMÃS
DEIA (MARIA BENEDITA CÂMARA BORNHART)
DUAS IRMÃS
DEIA (MARIA BENEDITA CÂMARA BORNHART)
DUAS IRMÃS
DEIA (MARIA BENEDITA CÂMARA BORNHART)
DUAS IRMÃS
DEIA (MARIA BENEDITA CÂMARA BORNHART)



Além de tantos pesares, teve Deia a certeza de que a irmã não era feliz.

Com ela chorava e sofria; mais que nunca, sentiu necessidade de um conforto moral, onde a sua alma martirizada achasse refrigério.

Leu Bossuet²², compenetrando-se daquele espírito grandiloquo, brilhante e simultaneamente singelo, crente e puríssimo.

A sós, alma à alma, com Bossuet, bebia a fé, extasiando-se com aquele modo de falar, só dele:

*Não raciocineis mais, humilhai-vos.
Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça,
mais saiba que esses ouvidos, que ouvem, foi
Deus quem os deu.*

²² Jacques Benigne Bosset (1627-1704), teólogo, poeta e bispo francês, preceptor de Luiz XIV. Considerado um dos maiores oradores franceses defendeu as tradições religiosas contra as inovações. Autor, entre outros de, *Elevação da alma e Meditação*.

E mais adiante:

Sem dúvida há dentro de nós uma divina claridade: - Um raio de vossa face, ó senhor, se imprimiu em nossas almas. E aí que descobrimos, como em um globo de luz, uma satisfação imortal na honestidade e na virtude: é a primeira razão que se mostra a nós por sua imagem, é a própria verdade que nos fala e que nos deve fazer compreender que há alguma coisa em nós, que não morre, já que Deus nos fez capazes de encontrar a felicidade, mesmo na morte.

Com os olhos úmidos, lia:

O homem, feito à imagem de Deus, corre em busca dos prazeres mortais, suspira pelas belezas mortais, os bens transitórios te seduziram o coração. Se nada conheces que esteja acima deles, nada melhor, nem mais agradável do que eles, descansa, então, gozando-as: mas, se tens uma alma esclarecida pelo raio da inteligência Divina; se, seguindo esse pequeno raio, podes subir até ao princípio, até à origem do bem, até ao próprio Deus, se podes conhecer que ele existe e que é infinitamente belo, infinitamente bom, que é a suprema beleza e a suprema bondade, como poderás viver, sem o amar?

Homem, já que tens um coração, é preciso amar, e, conforme amares, bem ou mal, serás feliz ou infeliz. Dize-me, a quem amarás, pois? O amor é feito para o belo, e o maior amor para o mais belo e o soberano amor para o soberano belo: qualquer criança o compreenderia! que insensato o poderia negar? E pois uma loucura manifesta e de todas as loucuras a mais louca recusarmos o amor a Deus, que nos procura. Que esperamos nós? Queremos não o amar jamais ou amá-lo, algum dia? Jamais quem o poderia dizer? Jamais! quem o poderá mesmo pensar?

Mas, se o queremos amar algum dia, quando virá esse dia? porque não será o presente? Que graça, que privilégio tem esse dia, que esperamos, para que o consagremos entre todos os outros, dando-o ao amor de Deus? sim, todos os dias pertencem a Deus; mas nós somente temos um, que nos pertence e é o que se passa! Então! queremos dar sempre ao mundo o que temos e a Deus o que não temos?

Pálida, bela, com a serenidade dos neófitos
sinceros, Deia meditava sobre as palavras, repletas
de brandura e amor, de Jesus Nazareno:

*Amai vossos inimigos, fazei bem aos
que vos odeiam, orai pelos que vos
perseguem.*

*Não julgueis e não seríeis julgados.
Perdoai, sereis perdoados. Sede
misericordiosos como vosso pai celestial
é misericordioso. Dar vale mais que
receber. O que se humilha será elevado,
o que se eleva será humilhado.*

Estas frases originais, ditadas por um amor infinito, repassadas de imensa comisseração, e que apesar do volver dos séculos, ainda exalam o perfume do sopro divino, que passou pelos lábios do homem-Deus trazem um cunho imortal, que penetra na alma, abala a consciência e converte-a.

Deia ajoelhou-se, curvada, humilde, ante esse Deus de amor e esperança, que lhe enxugaria as lágrimas, consolando-a, meigamente, das dores sofridas na terra e o adorou, esse Deus piedoso que na eternidade lhe daria o seu amado Mauricio, sempre risonho, feliz, confiante, na posse completa da identificação de suas almas.

— Ah! Mauricio! Mauricio! como te amei! quanto pudeste sobre mim, e quanto padeço! exclamava banhada em lágrimas.

E ele? o que sentia? o que fazia, enquanto a mísera mulher passara por tantas transformações?

Amava, sofria, morria! Guardara no íntimo do peito as mortas esperanças, as mentidas ilusões, as enlutadas alegrias, com o piedoso carinho com que guardamos preciosas relíquias, um tanto desbotadas pela freqüência de fervidos beijos.

Sufocara sua ternura, afivelara ao rosto a máscara da impassibilidade, olhava indiferente para essa criatura, junto da qual seus joelhos se dobravam, tinha a coragem de se envolver, maquinalmente,

nas materialidades da vida e só retomava a sua individualidade no retiro de seus aposentos, longe de todas as vistas.

Então, padecia atrozmente; e dando maior expansão ao pesar e ao desalento, maldizia-se e chorava como precito.

Com extrema volúpia, verificava os progressos de uma afecção cardíaca pelos avisos do pobre coração, que tanto lutara, e que inchava magoando-se no âmbito do peito, que o continha.

Às vezes, sentindo a vertigem toldar-lhe a vista, entrava precipitadamente em seu quarto e caía no chão, não tendo tempo de alcançar o sofá ou o leito.

Todos ignoravam essas quedas, em que se pisava e que o podiam matar, mais depressa.

Pálido e abatido, erguia-se com indefinível sorriso, prevendo na falta de equilíbrio de sua natureza a aproximação de um fim, pelo qual ansiava.

Entretanto, não era um espírito romântico, mas um homem grave, altivo, profundamente apaixonado pela mulher, a primeira que lhe fizera pulsar o coração, e na qual desgraçadamente encontrara uma existência fanada, uma alma grande e nobre, porém ferida por amargas desilusões.

Em muitas ocasiões sentia ímpetos de acariciá-la, de abrandá-la, com sua ternura; mas lh'o embargava

*Quava, então,
um mundo
imaginário, onde
as almas belas
se amaram
livremente.*

o orgulho ainda ressentido do gesto significativo, com que a moça o repelira, nessa noite nefanda do seu casamento.

Temia encontrar naqueles olhos soberanos a centelha do desprezo ou o fuzilar da cólera: preferia, pois, agonizar eternamente a ter nova decepção.

O mísero coração doente perdera a faculdade intuitiva: não adivinhava o amor infinito que atormentava a adorável Deia; cegos um pelo outro, morreriam, por não se verem.



XI



Cinco anos passaram por Julieta, mudando-lhe o sentir, tirando-lhe a infantil alegria, dando-lhe a precoce gravidade dos que lutam e sofrem.

O casamento fora o abismo, onde todas as suas esperanças se sumiram, deixando-a atônita e pesarosa.

Tratou-a Cesário de Castro como à uma nova amante, de cuja frescura e mocidade usou e abusou, saciando-se depressa e voltando aos antigos hábitos de jogador e dissoluto, sem mesmo se lembrar que deixava só, em casa, a uma jovem digna de todo o carinho e amor.

Imbecil! Trocava o afeto sincero, leal, da mulher pelos sorrisos fingidos e muito caros dessas criaturas, que não o conheceriam mais, desde o momento, em que não lhes desse dinheiro.

Como a vaidade cega os homens! Nada vêm e muito se admiram, quando os abandonam as cocottes, em quem julgam encontrar afetuosos sentimentos, e que

sabem aplicar-lhes, maravilhosamente, a pena de Talião²³, ferindo-os com as mesmas armas com que elesferem as mulheres a quem desposaram, cabendo às tristes solitárias do lar o obter a vingança das mãos das folgazãs do vício!

Era Julieta uma natureza meiga, sensitiva, capaz de extremos, toda coração: mas, logo que a espezinhavam demasiado, a altivez de tal dignidade rebentava, abafando a mágoa: nesse ponto, assemelhava-se à irmã.

A moça chorou o seu abandono, o baldado devotamento, a juventude perdida: procurou prender o marido pelo carinho e pela mansidão: tudo foi inútil.

Tinha Julieta essa beleza casta da virgem-mãe de Rafael, que impõe a adoração às almas poéticas, mas que não inflam o sangue dos libertinos.

Saturando-se de amargura e afinal votando desprezo ao marido, vazava os pesares no seio de Deia; e esta irmã, que ela julgava feliz, chorava, consolava-a, sentindo-se ainda mais desgraçada com semelhante acréscimo de desdita!

²³ Pena de talião refere à ideia de correspondência ou semelhança entre o crime e a pena; esse tipo de lei aparece em códigos muito antigos, desde a Babilônia, e também na Bíblia; e nós modernos, continuamos a empregar a expressão, olho por olho, dente por dente. No caso, engano por engano.

Um dia, Julieta despertou com o indizível espanto de um anjo, lançado na amplidão do Averno²⁴: sentiu-se mãe!

Mãe! esta palavra dulcíssima lhe feria o ouvido!

Em vez de se extasiar como às outras mulheres, a indefinível agitação do feto em suas entranhas causou-lhe horror e raiva!

Quisera arrancar de si esse ser, gerado sem amor, sem estima, sem prazer, e oriundo de um ente que lhe inspirava asco!

Atenazanava-a a ideia de ser mãe em tão dura situação e de que concebera, talvez, nesses momentos, longos, penosos, em que cravava as unhas no gelado corpo para que a dor lhe embotasse o odioso contato do homem, a quem se achava presa pelo dever.

Imóvel, pálida, alimentada pelo desespero, sem forças, apática, desvivendo no pequenino ser, que lhe sugava a seiva aniquilando-a; passou horas e horas a mísera julgando-se mais infeliz que as donzelas seduzidas, que têm de ocultar seu estado à todas as vistas, pois essas ao menos adoram o seu infortúnio no homem, que o provoca!

Entretanto, ela podia mostrar-se a todos; tudo em si trazia o selo da legitimidade; mas sua carne honestíssima repudiava o fruto de suas torturas,

²⁴ Lago situado em Cuma, na Itália, associado na antiguidade a uma das entradas do inferno; sinônimo de inferno.

O
casamento
foi o
abismo

como de uma desonra, contra que nem tivera o supremo recurso das violentadas: não pudera gritar, nem lutar.

Febril, indignada, rubra de pejo, resolveu-se a revelar à irmã o seu estado, em dolorosa eloquência, desabafando todo o peso de seu sentimento.

Pela conformidade de suas naturezas irmãs Deia a compreendeu, afagou-a, falou-lhe no passado, relembrando cenas da infância, pintou as solitudes maternas, apontou quadros risonhos no futuro, amoleceu aquela alma revoltada, corrigiu aquela transviada sensibilidade, fez-lhe, enfim, chorar!

A lágrima, silenciosa, resvalando, mansamente, engendra a triste resignação: a ela nos agarramos, quando a inércia sucede aos embates da luta.

E Julieta resignou-se.

Sentindo as lancinantes dores do parto, julgou-as mortais e esperou morrer com o filho, que a matava.

Passaram; e todas esqueceu, ao sentir no seio os lábios, ávidos de vida, da criaturinha tépida, que Deia lhe apresentava.

Uma robusta menina nascera de suas dores, dormia-lhe ao lado e sempre a consolaria, dando-lhe coragem para viver.

Teria a inocente criança duas mães nessas desditosas irmãs, estreitamente unidas pelo afeto e pela desventura.

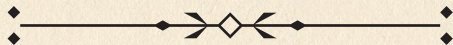
Amamentando a menina, vivendo para ela, bebendo-lhe os sorrisos, o balbuciar e a voz adorável, Julieta chamou-a Clara e de beijos devorava o seu rosto, que era a miniatura de Deia.



Felizes
por se
verem
juntas



XII



Cesário continuava a jogar e perdia somas enormes.

Trocando a noite pelo dia, voltava de madrugada, lívido, de mau humor; dormia apenas algumas horas; e despertava sem apetite, mal criado, querendo na mulher vingar-se das perdas ao jogo.

Fechara a casa de negócio, achava-se endividado e mostrava o torpe aspecto dos que afrontam a opinião pública, com o cinismo do vício.

Enojada, Julieta quis divorciar-se, mas ele ameaçou tirar-lhe a filha e por isso a mísera mãe sujeitou-se a viver ainda sob o mesmo teto e até lhe dava parte do dinheiro que recebia da irmã.

Iníqua lei a nossa: priva a mãe honesta de velar pela filha e a entrega ao pai, embora depravado e capaz de a lançar ao abandono ou à mercê de indignas criaturas!

Deia tinha mensalmente 500\$000 para alfinetes: desde seu casamento guardara essas quantias, com

escrúpulo de gastar o que, na sua delicadeza, julgava não lhe pertencer.

Conhecendo, porém, as misérias da irmã, não trepidou em se utilizar desse dinheiro e prezou-o pelas comodidades que traria à Julieta.

Observando que o cunhado não se pejava de jogar tudo que a mulher reservava para o gasto doméstico, tomou a deliberação de lhe pagar a casa, os criados, proporcionando à irmã todo o bem estar possível, e livrando-a assim de maiores importunações do marido.

Julieta sofria o contrapeso da infâmia do homem, a quem aparentemente se achava unida e cujo nome usava, mas a alma expande-se livremente na infinita idolatria, que votava à filha e à Deia, essa irmã que sempre lhe enxugara as lágrimas, amparando-a.

Igualmente, muito prezava a Mauricio, cujo caráter respeitava e que sempre lhe dispensara grande estima: demais, era o marido de Deia e ela os julgava felizes, continuando a ignorar o doloroso drama, que os unira e os separara.

O martírio de Julieta chegou porém a seu termo. Não podendo mais recorrer à mulher, vendo-se sem meios, entregue a inconfessáveis expedientes, Cesário desceu, dia a dia, os degraus da abjeção; e algum tempo depois, morreu de delirium tremens, pois na embriaguez procurava esquecer tudo quanto lhe faltava para saciar suas paixões desordenadas.

Vendo Julieta livre, Deia ambicionou conservá-la a seu lado, para a compensar, em doce convivência, dos desgostos dos passados anos.

Achou, porém, conveniente pedir a autorização de Mauricio.

Era a primeira vez que a ele se dirigia, fazendo um pedido; só pela irmã ousaria violentar-se a esse ponto.

Tinham acabado de almoçar e o moço recolhera-se à biblioteca.

Deia bateu à porta, inquirido se podia recebê-la e, obtendo resposta favorável, entrou, tímida, trêmula, irritada consigo mesma.

Mauricio lia, em cadeira de balanço: ao vê-la estremeceu, fechou o livro e indicou-lhe o próximo divã.

Sentando-se, receosa, não sabia como encetar a conversa, e temia que o tremor da voz lhe traísse a emoção.

Afinal, vencendo o enleio, disse:

— Sabe quanto quero à Julieta e à Clara e muito feliz me julgaria se as pudesse ter junto à mim! Se isso não lhe repugna, poderei abrigá-las sob este teto?

— Sem dúvida! e quanto antes! A pobre sofreu bastante e é justo que encontre junto a nós a felicidade, que merece! respondeu Mauricio, com os olhos fixos na livraria.

Deia corou e empalideceu; teve ímpetos de se ajoelhar, de deixar transbordar o tumulto de sensações que a assoberbavam, de confessar que

o amava de há muito e que, naquele momento, o adoraria, se o seu amor fosse susceptível de aumento!

Calou-se para conter os soluços, que se lhe formavam na garganta; conservou-se imóvel, a fim de impedir que o corpo seguisse o impulso da alma; e cerrou as pálpebras para que a lágrima não corresse.

Depois, erguendo-se hirta, alterada e, sem olhar para ele, nem lhe estender a mão, disse mansamente:

— Obrigada! Mauricio, por elas...e por mim!...E saiu, vagarosa, arrastando o corpo, que desejava ficar, esperando que ele a chamasse, ouvindo ruído nesse silêncio que a matava e desaparecendo no corredor, com a gratidão e a desesperança a debater-se em seu coração.

Chegando ao quarto, caiu no genuflexório, lavada em lágrimas, triste, desalentada, quando acabava de obter o que tanto almejava, corrida dos malditos escrúpulos e do maldito orgulho, que lhe vedavam a confissão do seu afeto, arrependida de não ter tido a coragem de tudo dizer, embora Mauricio a desprezasse e com indiferença lhe pagasse o extremo!

E a mísera volvia para Cristo o olhar anuviado pelo pranto, buscando alívio e esperança.

Adorava-o em suas divinas promessas, edificava-a o seu grandioso sacrifício; mas custava-lhe tanto renunciar a Mauricio na terra e só afagar a ideia de o possuir em outra vida!

*Mauricio é
melhor que
os outros.*

Se não lhe era permitido amar como as demais criaturas, por que, então, lhe deixara Deus sentir aquele imenso amor?

Por que seu desiludido coração não mirrara ao desespero da primeira decepção e renascera pela dor mais ardente e impetuoso, cheio da nobre e digna imagem de Mauricio?

Ouvindo perder-se ao longe os passos de Deia, Mauricio, que estivera louco por detê-la mais alguns minutos, mas sem força para mover o braço que a cingisse, sem voz para a chamar, sentiu viva opressão no coração, abriu a boca e perdeu os sentidos.

Quando tornou a si, lembrou-se do que se passara; sorriu dolorosamente, e, comprimindo o coração com as frias mãos, murmurou:

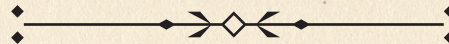
— Tem paciência! não padecerás por muito tempo!

E tinha razão: lera muitos livros de medicina, sabia do que morria e estoicamente verificava os progressos do mal: lesão orgânica, agravada por inauditos pesares!

Morreria, sorrindo, porque a vida lhe era impossível e antes morrer do que penar assim!



XIII



Logo no começo de seus amores com Jorge, Ester, embriagando-se com seus voluptuosos beijos, satisfizera seus maus instintos nos braços dele, deleitando-se com a ideia de o haver disputado à enteada.

Foi uma fúria de gozos, à que sucedeu certa saciedade de parte a parte.

Daí todos os dias, alguma cena desagradável entre ambos.

Ela lhe lançava em rosto até a facilidade com que se desprendera de Deia, esquecendo que o fizera para se lançar a seus pés.

Ele a ouvia, aborrecido, arrependendo-se de haver deixado a prima, sempre meiga e carinhosa, por aquele monstro libidinoso e de não ter lutado e resistido, desposando-a e vivendo modestamente a seu lado, sem mesmo invejar os soberanos da terra.

Choviam as injúrias e as imprecações, depois vinha a fase lacrimosa, cheia de dúvidas e desconfianças.

Desculpava-se ele com Ester, mentia, jurava amá-la fielmente, enviando-a, *in petto*²⁵, a todos os diabos; sorrindo, beijava-a e, momentaneamente, conseguia acalmar aquela natureza dissoluta, zelosa e vária.

Ela exigia absoluta fidelidade do amante, mas nem pensava em lha dever retribuir igualmente; achava que era bastante desfrutar-lhe Jorge os carinhos e que nada mais podia ele requerer da sua munificência.

Fingia Jorge não lhe perceber as manhas e pagava-lhe na mesma moeda, desprezando-a, mas sempre voltando, pela irresistível atração do vício.

Muito tempo assim viveram, até que, um dia, Carlos de Araújo, entrando, inopinadamente, em casa, observou a própria desonra.

A cólera atroz feriu-lhe o coração: em um segundo, compreendeu toda a infâmia de Ester e a sua tática em lhe revelar a desonra de Deia, a fim de lhe roubar o amante.

O sangue subiu-lhe à cabeça, as veias da fronte incharam, os olhos desvairaram e, levando a mão convulsa à garganta, caiu, pesadamente, fulminado por congestão cerebral.

Deia e Julieta oraram por esse pai, que em vida não lhes testemunhara grande afeto: foram vê-lo, comoveram-se e saíram, evitando conversação com a madrasta.

²⁵ Italiano, tradução de expressão latina, no peito, isto é, no segredo do coração; em segredo, só para si.

Ester teve ataques, mais ou menos reais, representando bem o papel de viúva desolada; sentia, entretanto, essa morte somente pelo lado pecuniário: Carlos de Araújo tinha bons ordenados e tudo lhe entregava sem reserva.

Consolar-se-ia, em breve a viúva, à vista de sua beleza sólida e fresca, esperando que seus adoradores não a deixassem em sérias dificuldades e ignorando quantas evasivas deveria encontrar, desde que se tornasse pesada aos homens que a requestassem.

Efetivamente, daí em diante, Ester viveu à custa de sua formosura, tendo amargos decepções e cruéis represálias.

Jorge foi o primeiro a deixá-la e, desde então, quotidianamente, os espelhos do seu boudoir refletiram muitos tipos: grotescos, egoístas, endinheirados, dandys, brutos.

Todos esses animais seguiam o seu instinto e, bem ou mal, pagavam os sorrisos e encantos dessa mulher.

Um dia, porém, achou-se presa a um leito de dores, febril, horripilante, abandonada, vítima da bexiga²⁶.

Suplicou a um credor, que a atormentava, apesar do contágio da moléstia, que referisse à

²⁶ Variola.

Deia o seu deplorável estado: a ganância fez o que faria a caridade.

A enteada estabeleceu-lhe uma mesada, pagou-lhe a enfermeira, a botica e as dívidas, retribuindo, cristãmente, todos os males, que, outrora, ela lhe fizera.

Ao levantar-se da cama, Ester quase enlouqueceu, não podendo reconhecer-se no monstro, que se apresentava a seus olhos espantados.

Sem coração, sem moral, nascida para o vício, entregou-se ao que há de mais baixo.



Despachante de uma casa importante, Jorge roubou, escandalosamente, grandes quantias, de convivência com a conferente da porta.

Descobertos, foi ele expulso, o outro demitido, e ambos processados, servindo os seus nomes de pasto à maledicência, infamados para sempre.

A sorte vingara a pobre Deia dos dois motores de sua desgraça, mas ela sofria tanto e por tal forma os desprezava, que nem se pode regozijar por esse resultado.

Demais, sua grande alma desconhecia essas mesquinhas satisfações, em que o vulgo se espoja!



XIV



Amava Mauricio a todos que Deia amava e votou profunda afeição à pequena Clara.

Passeava com ela, ensinava-lhe as lições com paciência, dirigia-lhe bem o espírito, beijava-a longamente, extasiando-se em encontrar na menina os adorados traços de Deia.

Esta formosa criatura contemplara trinta anos e, apesar de tantos sofrimentos, ostentava-se em esplêndida florescência da beleza.

As feições tinham o encanto de indefinível melancolia: parecia um anjo com a nostalgia do céu; o corpo era um poema de graça e frescura.

Os criados acabavam de tirar a toalha do jantar, deixando Mauricio e Deia a sós, pois Julieta saíra com a filha.

O moço comera muito pouco e sofria, vendo tristonha expressão do semblante da mulher.

Sentara-se, sentindo opressão no peito e ela encostara-se à sacada, com o olhar perdido no horizonte.

O suave perfil apresentava-se a Mauricio, iluminado pelo sol pente, as linhas do corpo desenhavam-se ricas, sob a sombria seda do vestido.

Contemplou-a ele, com todo o ardor de tormentosa paixão e com o enlevo do artista, ante sublime manifestação do belo, compreendendo bem o valor do inestimável tesouro!

Teve imensa aflição, soltou um gemido e perdeu os sentidos.

Voltando-se, e vendo-o pálido e inanimado, Deia correu para ele, ajoelhou-se, soprou-lhe as fontes, borrifou-o com água fria e, exclamava, desesperada:

— Mauricio! meu amor! minha vida! torna a ti!... Meu Deus! faça com que viva! Mauricio, eu te amo!

Ele abriu as pálpebras, surpreso, com o indizível espanto de inaudita felicidade: sorria, tremia e, delirante apertou-a loucamente ao peito, dizendo:

— Tu me amas?... deveras? Não é um sonho, Deia?!...

Ajoelhada, irradiando, a linda mulher cingia-o nos braços, murmurando:

— Amo-te, de há muito!...sempre, meu adorado Mauricio!...oh! quanto padeci! Não o sabes!

Ele uniu, desesperadamente, os lábios aos dela, sedento, faminto, em acre volúpia, tendo a sensação quase dolorosa do extremo gozo.

Saciava nesse primeiro e último beijo os infrenes desejos que o haviam atormentado, durante dez anos de tantálico suplício, mirando sem cessar aquela síntese de todas as perfeições humanas!

Mas, em meio segundo, nesse êxtase, esgotou o que lhe restava de vida.

Afastando de si a mulher, ergueu-se hirto, dando com os braços em busca de ar e, pesadamente caiu, para não mais se levantar.

Pela transfiguração e imobilidade do marido e pela angústia que a pungia, Deia anteviu que ele havia morrido.

Chamou os criados, fez vir médicos, louca, entregue a horrível delírio: a morte era uma realidade, que forçoso foi reconhecer.

Ao entrar em casa, Julieta viu o quadro desolador: chorou amargamente o querido morto, quis velá-lo também, mas cedeu às instâncias de Deia, lívida, desvairada, ordenando-lhe que a deixasse só com o corpo de Mauricio.

Todo de preto, repousava Mauricio no caixão.

Sua bela fisionomia empalidecida tinha serena expressão, quase feliz.

A morte o surpreendera, no momento mais venturoso de sua existência e tão rápida fora, que a dor não pudera suplantar a alegria, que o inundava, conservando o rosto o reflexo de sua íntima ebriedade.

Deia passou a noite inteira a olhá-lo, a beijá-lo, a dar ao morto o que não ousara dar ao vivo.

Beijou-lhe os frios lábios, a ponto de enregelar os seus, apertou-lhe as mãos até amorná-las; chorou, blasfemou, orou, sorriu, como se a pudesse ver!

Às vezes, desesperada, caía junto a ele, dizendo:

— Oh! Mauricio! tudo me deste e eu nada te dei!...

Quando padecia, tu também e eu o ignorava!... Ah! se tivesse adivinhado! como correria a teus braços!.... Tu me amavas e morreste?!.... e eu não posso morrer!.... Mauricio! tornarei a ver-te, algum dia? haverá a eternidade?! oh! meu Deus! dá-me fé, faze-me esperar esse supremo consolo!

E, brandamente, passava os dedos pelos cabelos do moço, cantarolando em voz rouquenha, plangentes endechas²⁷, como se o acalentasse, e até julgando vê-lo respirar, quando essa ilusão provinha do cansaço de seus olhos febris.

Ao fecharem o caixão, perdeu os sentidos.

Abateu-se profundamente durante muitos dias, ao ponto de Julieta, que lhe havia colhido do corredor o amargo segredo de sua vida com Mauricio nos monólogos e exclamações noturnas junto ao cadáver, recear que ela também morresse.

²⁷ Canção triste, lamento; variações de canção fúnebre portuguesa do século XVI; poesia fúnebre melancólica.

Entretanto, no meio de sua dor, Deia ordenou que ninguém entrasse nos aposentos do marido.

Ainda convalescente, sem forças, arrastando-se quase, abriu pela primeira vez a porta que comunicava o seu boudoir com o quarto de Mauricio.

Andou, respirando apenas e entrou nessa parte da casa, que desconhecia completamente.

Ninguém ai estivera, depois da horrível catástrofe; e assim pode adivinhar os hábitos do ente amado e, até senti-lo, no perfume do ambiente e na disposição dos objetos do seu uso.

Esse gabinete servia pra fumar e repousar; continha quadros de alto preço, divãs, cachimbos, curiosidades e uma secretária de ébano esculpido.

Seguia-se o quarto de cama, arejado, com janelas para o jardim, estando o leito intacto, porque Mauricio não dormira na véspera de sua morte, o que muitas vezes lhe acontecera, passando as noites, sentado, sem poder respirar.

Deia olhava para tudo, com os olhos inundados de lágrimas, Tateando os móveis, a roupa, as cortinas, absorvendo, quanto possível, o que lhe restava de Mauricio.

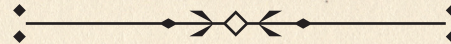
No gabinete, abriu a secretária, com religioso recolhimento, na esperança de encontrar alguma coisa, que lhe falasse daquele triste amor e daquelas abafadas angústias.

Havia, no segundo compartimento à esquerda, um álbum negro com fechos de aço; o coração pulsou-lhe fortemente, passou a mão pela frente, desprendeu os fechos do livro e leu.

Era a narração das dores sufocadas, durante dias, meses e anos, irrompendo, no silêncio da noite, quando a alma, a sós consigo mesma, rejeita os véus que a encobrem e mostra-se em sofredora nudez!



XV



Entre outros lamentos, havia os seguintes:

Faz, hoje, um mês, que te conduzi à esta casa, com alegria no coração, cheio de esperança!... Oh! Deia! por que não terei a força de te odiar ou esquecer?... Que prestígio é o teu?!... Bela, adorável, criatura, apesar de tuas palavras destruírem o meu futuro, admiro tua lealdade e choro esse amor que me recusas. Às vezes, quase lamento a tua confissão: preferiria ser iludido, se me amasses!... que horrível covardia!

Tens a febre dos divertimentos, vais à toda parte, com frenesi, buscas os prazeres; o que procuras, pobre mulher?... esquecer antigos pesares, afogar em caprichosa levandade a vida que te pesa? Miseria! não o faças; vê a tua suprema beleza e tem dó de ti mesma!... Demais, o que seria de mim, se te visse, presa a outro!... oh! meu Deus! há ideias que engendram crimes!... Não! como verei dares a alguém o que não ouse fruir!... Deia, sê boa, sê grande, conserva-te tal qual és.

Já aborreceste as festas, não encontraste o que esperavas e tens no semblante o abatimento do desânimo! Sofres, querida, e esse teu sofrer quase me alegra; porque?... Acaso recearia eu a influência de outro qualquer homem?... sim, desgraçado, cheguei à esta medonha extremidade!

Hoje, casou Julieta: possa ela encontrar a felicidade que merece! Como estavas formosa, Deia! Receei tanto que não te saíesses bem na discussão filosófica e, ouvindo-te, extasiei-me! És a mulher que sonhei: beleza, talento, sentimento, tudo tens! Admiro-te mais que todos e menos que eles te vejo, ouço e falo! Invejiam-me talvez, e, no entanto, a vida eu daria para estar, às vezes, no lugar que ocupam a teu lado!... Oh! que terror senti, quando os cavalos se espantaram e nada foi em comparação ao que me causou o teu contato! Tive-te nos braços, tépida, perfumosa, curtos momentos e como padeci! Que sensações! que dolorosa volúpia! Amo-te com a beatitude de uma alma cativa, mas, ao teu calor, senti que era homem e

admirei o meu heroísmo em te fugir! Sublime criatura, feita de luz e frescura, não calculas o que a tua vista provoca de tormentosos desejos? Como escutei, ansioso, no silêncio da noite, se para mim te movias, se o magnetismo do meu sentir fizesse palpitar o teu corpo celeste!... Nada!... no escuro corredor, nenhuma sombra, nenhum suspiro, nenhuma esperança!.... Ah! se me amasses, terias vindo e eu aqueceria tuas mimosas mãos, com a febre de meus beijos!

Que insensatez! Há tanto tempo que espero, nada vejo e continuo nesta angustiada expectativa de passar para ti um pouco do meu amor!... Às vezes, me parece impossível que este infinito afeto não ecoe em teu coração, Deia!... Ama-me, uma hora apenas, contentar-me hei, juro-te; dói tanto assim viver sem uma esperança!

Oh! Deia! não te amaldiçõe, não! nada fizesse para que eu tanto te amasse: apareceste e me ofuscaste! Sofro muito,

porém, consola-me a ideia de que, se não me amaste, por ninguém sentiste atração e morro tranquilo!... Sim! morrerrei, em breve, o mal progride, o pobre coração estala, não podendo resistir ao que o magoa... Dói-me pensar que não te lembraras de mim e, no entanto, levo-te comigo!... Em tua existência nada fui; um mal ou um estorvo talvez, perdoa-me; muito te amo! Amo-te! a ponto de me tornar crente e de esperar a eternidade contigo, em outra vida! Deia, lembra-te de mim, tu, que lastimas os pássaros mortos no inverno e as flores sepultadas na neve!

Vieste à biblioteca, onde eu estava: um raio de esperança encheu-me a alma, ouvindo-te a voz grave, melodiosa, capaz de acalmar todos os furores! Falaste-me, como a um indiferente, receando uma recusa!... Como se meu cérebro pudesse formular qualquer oposição aos teus desejos!... Não! amada criatura! Tudo quanto quiseres quero e folgarei com a vinda de Julieta e Clara: são caras à tua alma e, por conseguinte, à minha também!

É Clara o meu consolo, o meu passatempo: a ingênua criança parece compreender o que tanto a ela me prende: é a tua miniatura, Deia!... O mesmo olhar, sem a melancolia das decepções, a boca igualmente rosada, sem a amarga expressão: é enfim, a Deia feliz, risonha, que quisera estreitar nos braços!

Deia, há dez anos, que te vejo todos os dias, que ouço tua voz, sem saciar meus olhos, nem meus ouvidos! Dez anos!... não pensei durar tanto!... Sabes o que são dez anos de quotidiana tortura, de fingida impassibilidade, de completa abstinência, com receio de não poder conter a lágrima, nem de refrear os ímpetos da carne, vivida, mortificante, sedenta?!... Como és bela! como tua formosura cumpriu todas as promessas, quanto te adoro!... Cedo, bem cedo, te deixarei para sempre e talvez encontres a felicidade, que não te dei!...

Hoje, tenho tanta saudade de ti, parece-me a antecipação da que sentirei na outra vida, e, no entanto, há alguns minutos apenas, que na sala te deixei! O coração assemelha-se a um

abutre e corne-me o peito; aflige-me tanto este incomodo! Se aqui estivesse sofreria menos, a tua presença minora o meu tormento! Deia, quanto te amo!

Estas linhas não passarão por teus olhos, queimá-las-ei quando se avizinhar a morte: para que conheces a dor daquele, que te era indiferente e que sempre te amará?... Se pudesse fruir a delícia de teus beijos, embora morrendo!... Deia! adorada criatura!

Aqui terminavam os queixumes: escrevera o último período na véspera de morrer, ansiando por um beijo e teve no primeiro o último – gozo extremo, selado pela morte!



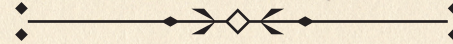
Julietta encontrou a irmã, inanimada, no tapete: er-
gueu-a, reanimou-a e leu a pedido dela o manuscrito.

Vendo-a chorar, Deia lhe completou, minuciosa-
mente, todos os segredos de sua vida, martirizando-a,
ainda mais com a narração de sua desventura.

Pobres irmãs!



XVI



Mauricio instituía a mulher por sua herdeira universal.

Pouco tempo depois da morte do marido, Deia man-
dou chamar o tabelião, e esperando-o, pálida, desfeita,
envolta em negras roupagens, parecendo trazer o luto
de si mesma, ditou seu testamento: deixava tudo à Ju-
lieta e dava a terça à Clara.

O tabelião fez-lhe algumas observações sobre essa
precipitação em testar, sendo ainda tão moça, podendo
mudar de ideia e até contraindo novo enlace.

Ela sorriu dolorosamente e, com bondade, disse:

— Meu amigo, olhe bem para mim, julga que a
minha dor possa acabar: ilude-se com esta aparência
de vida!...Não falemos mais nisso e guarde minha
última vontade, até que a notícia de minha morte
chegue aos seus ouvidos. Então entregue a Julieta o
que lhe compete. Adeus!

O pobre velho saiu, comovido, abalado em suas
convicções sobre o egoísmo humano.

Aquela mulher, jovem, linda, milionária, morria de pesar, ansiando pela morte, que a reuniria ao ente amado e isto sucedia em plena cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro!

Julieta soluçava, muitas vezes, assistindo à agonia lenta, medonha da irmã, sem uma queixa, sem uma exprobração.

Deia lhe enxugava as lágrimas, maquinalmente a beijava, sem compreender que a outra chorava a sua impotência de não a poder consolar, nem arrancá-la à morte, que se aproximava.

Quando Clara a abraçava, com a meiguice das crianças mimosas e deitava-se em seus joelhos, aquecendo-lhe as frias mãos, Deia a embalava, murmurando, com o olhar vago:

— Mauricio! Mauricio!

Só esta lembrança a agitava: parecia que tudo o mais se apagara em seu luminoso cérebro.

Passava as manhãs nos aposentos do marido, relendo o álbum negro, comentando-o, notando a afinidade de suas almas amantes, falando-lhe como se a pudesse ouvir.

Um dia, Julieta sentiu tamanho desespero, que tomou as mãos da irmã, ajoelhou-se e, prorrompendo em pranto, disse:

— Deia! tu não me amas! nunca me amaste! queres morrer, queres deixar-me! Foste para mim um anjo

de consolação, desde a infância e, agora, nem consentes que me lamente, que padeça por não te poder fazer viver!... Oh! adorada irmã! vive; o que será de mim, quando te perder?...Vive, tem compaixão do meu pobre coração!

Deia lhe apertou meigamente, a cabeça, beijou-a nos olhos, na face, no colo, como outrora e disse:

— Julieta! muito te amo! porém não posso mais viver! é impossível!... Morro sem doença: o pesar mata-me e nenhum médico poderia salvar-me! Deixa-me morrer!... é tão bom ver cair a noite lentamente! Olha para Clara, é o meu retrato, apóia-te ao seu braço, em sua alma fresca orvalha a tua e sigam ambas amparando-se, mutuamente. Eu fico, sem forças, sem alegria, no pó da estrada: lembrem-se de mim no caminho!

E, cansada, deixou a fronte sonolenta pousar no ombro de Julieta.

Quando o sol brilhava e os pássaros cantavam em amorosa perseguição, ou quando a lua iluminava as sombrias serras, Deia olhava sem ver, aspirava a brisa perfumada e unia as mãos, em êxtase.

Não sabendo mais orar, apanhou uma vez na escassa memória o grito sublime do cantor lusitano²⁸, apropriou-se dele, em voz dulcíssima, disse:

28 Luiz de Camões

“Alma minha gentil que te partiste,
“Tão cedo desta vida descontente,
“Repousa lá no céu eternamente,
“E viva eu cá na terra sempre triste
“Se lá no assento etéreo, onde subsiste,
“Memória desta vida se consente,
“Não te esqueças daquele amor ardente,
“Que já nos olhos meus tão puro viste.
“E se vires que pode merecer-te
“Alguma coisa a dor que lhe ficou
“Da mágoa sem remédio de perder-te,
“Roga a Deus, que teus anos encurtou.
“Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
“Quão cedo dos meus olhos te levou”.

E sua alma dividida destacou-se da terra, em busca da outra metade, que do céu a chamava e o corpo pendeu docemente para o túmulo, onde Mauricio a esperava, pálido, frio, na enregelada câmara da morte.

E cerrou as pálpebras, sorrindo, suavemente, aos que lhe choravam em torno e àquele que a viera buscar.

Julietta padeceu, durante muitos anos.

Um dia, em que orava pela irmã, Clara a beijou, com ternura, estreitando-a nos braços.

A mãe enxugou os olhos fatigados, suspirou e disse:

— Ah! minha filha! ainda me restas!...Obrigada meu Deus!

E, pálida, alquebrada, apoiou-se ao braço tépido e roliço da donzela, procurando reconfortar-se nessa alma, cheia de pureza e esperança.

FIM
1883

DUAS IRMÃS
DÉLIA (MARIA BENEDITA) CÂMARA BORMENSA
DUAS IRMÃS
DÉLIA (MARIA BENEDITA) CÂMARA BORMENSA
DUAS IRMÃS
DÉLIA (MARIA BENEDITA) CÂMARA BORMENSA
DUAS IRMÃS
DÉLIA (MARIA BENEDITA) CÂMARA BORMENSA

1ª Edição 2022

Esta obra foi composta por Barbara Caetano
como parte do seu Trabalho de Conclusão
de Curso e não possui fins comerciais. Foram
utilizadas as famílias tipográficas: Essonnes
Text, Bodoni MT, Caslon Italian, WindSong e
Vujahday Script

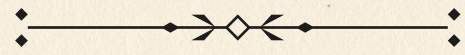


MARIA FIRMINA DOS REIS
A ESCRAVA

MARIA FIRMINA DOS REIS
A ESCRAVA

MARIA FIRMINA DOS REIS
A ESCRAVA

MARIA FIRMINA DOS REIS



A ESCRAVA

MARIA FIRMINA DOS REIS
A ESCRAVA

A ESCRAVA
MARIA FIRMINA DOS REIS

MARIA FIRMINA DOS REIS
A ESCRAVA

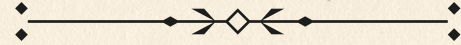
A ESCRAVA
MARIA FIRMINA DOS REIS

A ESCRAVA
MARIA FIRMINA DOS REIS

MARIA FIRMINA DOS REIS
A ESCRAVA



MARIA FIRMINA DOS REIS



A ESCRAVA

Id quo totae reperiore volorro velit ut volessum, nihiciur, archilit quam doluptusae endite plibearit veribus eiumquibus volupiciet ped.

Verum qui que dolupta turecep eriberitist vellent oditemp orporrupis eos eosanto. At doluptame poria pelectatur.

Ipsanti

Oriate Ipsa Volorryum

Aute ipsaectur

Udam Nullit Voluptam

Utem

Ommo Culpa

Nobistiatur Alic Totatem

Quianimaxim Dolorepel

Restibus, tet doluptati sa quae consed molum quia consequi quam adis qui venissi aut abore ma erio. Tem reptas poris aut omni repro inumquibea numque es as alignih illendae non exceat.

Ellit, solupicit lis etur, sum quia sam
(Sapis exero tem doluptae pereper)

Aperibus, Luptam

Quid esed est / exeresequi net vollit; que molo quiam eiumquam doluptatum nis

Vellore, solorec eptiur maíos
enimo comnis porem vollent omnist fugiaepudita
Sequam

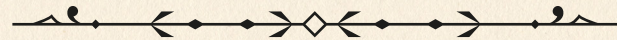
Quiandae quae consed:
Molum quia consequi quam

Venim

Inum, nem ratquaturiae sit late.
Non es magnim ad moloreicidem.

In peritas verio. Igmiandus.

Fugit utessimolo totatet vitatem poreicatem etur?



O conteúdo desse livro foi retirado da *Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos*, vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL) da Universidade Federal de Santa Catarina e pode ser acessado pelo link: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=117116>

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi editorado em ambiente acadêmico, não tendo como objetivo sua comercialização.

MARIA FIRMINA DOS REIS



MARIA

FIRMINA

DOS

REIS

Professora, musicista, compositora, poeta, folclorista, tendo contribuído com a imprensa maranhense com diversas ficções, crônicas, enigmas e charadas (MUZART, 1999, p.264 apud ZIN p.246, 2017) e escrevendo para os jornais maranhenses *Pacotilha*, *Eco da Juventude*, *Semanário Maranhense*, *O Federalista*, *A Verdadeira Marmota*, *Almanaque de Lembranças Brasileiras* (DIOGO; SIMIONI, p.72, 2017), Maria Firmina dos Reis é conhecida como a primeira romancista brasileira, dividindo o posto com a gaúcha Ana Luisa de Azevedo Castro, pois ambas publicaram seus romances no ano de 1859 (MUZART, 2013), sendo Maria Firmina considerada como a primeira escritora negra e a primeira pessoa a escrever um romance abolicionista na língua portuguesa. Nasceu no dia 11 de março de 1822, na cidade de São Luís, MA, faleceu aos 95 anos em Guimarães, também no Maranhão.

Maria Firmina, não possui retrato conhecido e passou muitos anos sendo associada erroneamente a imagem de Maria Benedita Bormann. Registrada como filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis, foi considerada como “bastarda” e não conheceu o pai (MUZART, 2013). Aos cinco anos, se muda para a Vila de São José de Guimarães, crescendo ao lado da mãe, avó e tia, além de sua irmã e prima (ZIN, p. 247, 2017).

Estando muito longe da capital do Império e considerando o acesso à educação feminina na época, acredita-se que a acolhida na casa da tia com mais recursos financeiros foi fundamental para sua primeira formação (MOTT, 1988 apud ZIN, p.244, 2017). Além de permitir estar em contato com o primo materno, Francisco Sotero dos Reis (1800-1871), sendo ele um distinto gramático e filólogo, além de ter fundado jornais, foi autor do Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira, 1867-1873 e primeiro diretor do Liceu Maranhense. Entretanto, “é claro que sua obscura prima aí não teve entrada!” (MUZART, p. 249, 2013)

É interessante observar como a obra *Úrsula* foi redescoberta por acaso em um sebo no Rio de Janeiro em 1962, por Horácio de Almeida que, depois de investigar, identificou que o pseudônimo “Uma maranhense” pertencia a Maria Firmina. O pesquisador fez uma edição fac-símile da obra em 1975, onde no prólogo salienta a ausência da escritora nos “estudos críticos dedicados à literatura maranhense” (MUZART, p.251, 2013)

Em Guimarães, aos 25 anos, Maria Firmina concorreu e foi aprovada na cadeira de Instrução Primária, atuando como professora de primeiras letras de 1847 a 1881, quando se aposentou aos 59 anos no vilarejo de Maçaricó. No ano de 1880,

conquistou o título de Mestra Régia ao obter o primeiro lugar em História da Educação Brasileira e fundou uma das primeiras escolas mista do país, recebendo gratuitamente meninos e meninas. Fato esse, que foi considerado um escândalo para a sociedade da época, obrigando-a a fechar a escola dois anos e meio depois de sua abertura (MUZART, 2013). Analisando o tipo de educação dado a meninas durante o período, apenas voltado para o lar e, no máximo, com o ensino de francês e piano, se pode ver o pioneirismo de Maria Firmina ao propor aulas mistas, podendo ser considerada “uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino” (Nascimento Morais Filho, 1975, p. 310 apud MUZART, 2013).

Maria Firmina dos Reis atuou muito em favor da educação, porém ela é mais conhecida atualmente pelos seus escritos que denunciavam a ilegitimidade e violência da escravidão. No seu romance *Úrsula* (1859), ela traz a maldade do comendador Fernando P., conhecido como o mais cruel dos senhores, entretanto, esse terror é apresentado a partir de três personagens que eram escravizados, mas que sobretudo, tinham histórias e personalidades distintas, Túlio, Mãe Suzana e Antero. Ainda que os dois primeiros fossem de uma “proprietária” boa e compreensiva como Luiza B. (mãe de Úrsula),

não aceitavam a condição de cativos (MOTT, apud MUZART, 2013), pois, como afirma Túlio: “A mente! Isso sim ninguém a pode escravizar!” (REIS, 1859). Assim, ela será não a primeira pessoa a trazer negros na sua narrativa, mas a primeira que se tem notícia a dar-lhes voz, tanto em seus personagens, trazendo três capítulos (dos 22) dedicados a apresentar a vida e os pensamentos desses indivíduos, quanto a sua própria, como mulher negra. “Essa voz trará uma África desconhecida do branco da Corte, como um continente de liberdade” (MUZART, p.256, 2013).

Dessa forma, em sua obra é possível observar a crescente do Movimento Abolicionista no Brasil, uma vez que em *Úrsula*, Maria Firmina apresenta diversas ideias antiescravistas, porém ainda sem usar termos relacionados. Já em *A Escrava* (1887), quase trinta anos depois e próximo a abolição, ela coloca a pessoa que narra a história como uma mulher branca que fala insistentemente contra a escravidão em um nobre salão e para muitas pessoas (SILVA, p.151, 2013). Dizendo no meio do conto: “Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e da do Rio de Janeiro” (REIS, 1887).

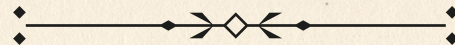
Por fim, é possível também observar no prólogo de *Úrsula*, o anseio da escritora por não apenas ela mesma continuar escrevendo, como também outras

mulheres obterem a coragem para tal atividade. Depois de diversas afirmações contrárias a sua própria obra e escrita, com o tom de modéstia muito presente em obras femininas do século XIX, dizendo que sabe “que pouco vale este romance, porque escrito por mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem trato”, termina o trecho dizendo:

— Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou, quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós. (REIS, 1859).

Bibliografia:

- Úrsula* (1859)
Gupeva (1861-1862)
Canto à beira-mar (1871)
Escrava (1887)
Álbum (Seu diário com registros esparsos anotados entre 1853 e 1903, publicado postumamente)



Em um salão onde se achavam reunidas muitas pessoas distintas, e bem colocadas na sociedade, e depois de versar a conversação sobre diversos assuntos mais ou menos interessantes, recaiu sobre o elemento servil.

O assunto era por sem dúvida de alta importância. A conversação era geral; as opiniões, porém, divergiam. Começou a discussão.

— **Admira-me,** — disse uma senhora de sentimentos sinceramente abolicionistas; — **faz-me até pascar como se possa sentir, e expressar sentimentos escravocratas, no presente século, no século dezenove!** A moral religiosa e a moral cívica aí se erguem, e falam bem alto esmagando a hidra que envenena a família no mais sagrado santuário seu, e desmoraliza, e avilta a nação inteira!

Levantai os olhos ao Gólgota, ou percorrei-os em torno da sociedade, e dizei-me:

— Para quê se deu em sacrifício o Homem Deus, que ali exalou seu derradeiro alento? Ah! Então não é verdade que seu sangue era o resgate do homem! É então uma mentira abominável ter esse sangue comprado a liberdade!? E depois, olhai a sociedade... Não vedes o abutre que a corrói constantemente!... Não sentis a desmoralização que a enerva, o cancro que a destrói?

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e será sempre um grande mal.

Dela a decadência do comércio; porque o comércio e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha; porque de frente altiva e desassombada não podemos encarar as nações livres; por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Em balde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em suas veias não gira uma só gota de sangue escravo...

E depois, o caráter que nos imprime e nos envergonha! O escravo é olhado por todos como vítima — e o é.

O senhor, que papel representa na opinião social?

O senhor é o verdugo — e esta qualificação é hedionda.

Eu vou narrar-vos, se me quiserdes prestar atenção, um fato que ultimamente se deu. **Poderia citar-vos uma infinidade deles;** mas este basta, para provar o que acabo de dizer sobre o algoz e a vítima.

E ela começou:

— Era uma tarde de agosto, bela como um ideal de mulher, poética como um suspiro de virgem, melancólica e suave como sons longínquos de um alaúde misterioso.

Eu cismava, embevecida na beleza natural das alterosas palmeiras que se curvaram gemebundas, ao sopro do vento, que gemia na costa.

E o sol, dardejando seus raios multicores, pendia para o ocaso em rápida carreira.

Não sei que sensações desconhecidas me agitavam, não sei!... Mas sentia-me com disposições para o pranto.

De repente uns gritos lastimosos, uns soluços angustiados feriram-me os ouvidos, e uma mulher correndo, e em completo desalinho, passou por diante de mim, e como uma sombra desapareceu.

Segui-a com a vista. Ela espavorida, e trêmula, deu volta em torno de uma grande moita de murta, e colando-se no chão nela se ocultou.

Surpresa com a aparição daquela mulher, que parecia foragida, daquela mulher que um minuto antes quebrara a solidão com seus ais lamentosos,

com gemidos magoados, com gritos de suprema angústia, permaneci com a vista alongada e olhar fixo, no lugar que a vi ocultar-se.

Ela muda, e imóvel, ali ficou-se.

Eu então a mim mesma, interroguei:

— Quem será a desditosa?

La procurá-la – coitada! Uma palavra de animação, um socorro, algum serviço, lembrei-me, poderia prestar-lhe. Ergui-me.

Mas, no momento mesmo em que este pensamento, que acode a todo homem em idênticas circunstâncias, se me despertava, um homem apareceu no extremo oposto do caminho.

Era ele de cor parda, de estatura elevada, largas espáduas, cabelos negros, e anelados.

Fisionomia sinistra era a desse homem, que brandia, brutalmente, na mão direita um azorrague repugnante; e da esquerda deixava pender uma delgada corda de linho.

— Inferno! Maldição! – bradara ele com voz rouca. — Onde estará ela? – e perscrutava com a vista por entre os arvoredos desiguais que desfilavam à margem da estrada.

— Tu me pagarás – resmungava ele. – E aproximando-se de mim:

Não viu, minha senhora, – interrogou com acento, cuja dureza procurava reprimir, – não viu por aqui

passar uma negra, que me fugiu das mãos ainda há pouco? Uma negra que se finge doida... Tenho as calças rotas de correr atrás dela por estas brenhas. Já não tenho fôlego.

Aquele homem de aspecto feroz era o algoz daquela pobre vítima, compreendi com horror.

De pronto tive um expediente. — Vi-a, tornei-lhe com a naturalidade, que o caso exigia; – vi-a, e ela também me viu, corria em direção a este lugar; mas parecendo intimidar-se com minha presença, tomou direção oposta, volvendo-se repentinamente sobre seus passos. Por fim a vi desaparecer, internando-se na espessura, muito além da senda que ali se abre.

E dizendo isto, indiquei-lhe com um aceno a senda que ficava a mais de cem passos de distância, aquém do morro em que me achava.

Minhas palavras inexatas, o arдил de que me servi, visavam a fazê-lo retroceder: logrei o meu intento.

Franziu o sobrolho, e sua fisionomia traiu a cólera que o assaltou. Mordeu os beiços e rugiu:

— Maldita negra! Esbaforido, consumido, a meter-me por estes caminhos, pelos matos em procura da preguiçosa... Ora! Hei de encontrar-te; mas, deixa estar, eu te juro, será esta a derradeira vez que me incomodas. No tronco... no tronco: e de lá foge!

— Então, – perguntei-lhe, aparentando o mais profundo indiferentismo, pela sorte da desgraçada, – foge sempre?

— Sempre, minha senhora. Ao menor descuido foge. Quer fazer acreditar que é doida.

— Doida! — exclamei involuntariamente, e com acento que traía os meus sentimentos.

Mas o homem do azorrague não pareceu reparar nisso, e continuou:

— Doida... doida fingida, caro te há de custar.

Acreditei-o o senhor daquela mísera; mas empenhada em vê-lo desaparecer daquele lugar, disse-lhe:

— A noite se avizinha, e se a deixa ir mais longe, difícil lhe será encontrá-la.

— Tem razão, minha senhora; eu parto imediatamente, — e cumprimentando-me rudemente, retrocedeu correndo a mesma estrada que lhe tinha maliciosamente indicado.

Exalei um suspiro de alívio, ao vê-lo desaparecer na dobra do caminho.

O sol de todo sumia-se na orla cinzenta do horizonte, o vento paralisado não agitava as franças dos anosos arvoredos, só o mar gemia ao longe da costa, semelhando o arquejar monótono de um agonizante.

Ergui ao céu um voto de gratidão; e lembrei-me que era tempo de procurar minha desditosa protegida.

Ergui-me cônica de que ninguém me observava, e acercava-me já da moita de murta, quando um homem rompendo a espessura, apareceu ofegante, trêmulo e desvairado.

Confesso que semelhante aparição causou-me um terror imenso. Lembrei-me dos criados, que eu tinha convocado a essa hora naquele lugar, e que ainda não chegavam. Tive medo.

Parei instantaneamente, e fixei-o. Apesar do terror que me havia inspirado, fixei-o resolutamente.

De repente, serenou o meu temor; olhei-o, e do medo, passei à consideração, ao interesse.

Era quase uma ofensa ao pudor fixar a vista sobre aquele infeliz, cujo corpo seminu mostrava-se coberto de recentes cicatrizes; entretanto sua fisionomia era franca, e agradável. O rosto negro, e descarnado; suposto seu juvenil aspecto aljofarado de copioso suor, seus membros alquebrados de cansaço, seus olhos rasgados, ora deferindo luz errante, e trêmula, agitada, e incerta traduzindo a excitação, e o terror, tinham um quê de altamente interessante.

No fundo do coração daquele pobre rapaz, devia haver rasgos de amor, e generosidade.

Cruzamos ele e eu as vistas, e ambos recuamos espavoridos. Eu, pelo aspecto comovente e triste daquele infeliz, tão deserdado da sorte; ele, por que seria?

Isto teve a duração de um segundo apenas: recobrei ânimo em presença de tanta miséria, e tanta humilhação, e este ânimo procurei de pronto transmitir-lhe.

Longe de lhe ser hostil, o pobre negro compreendeu que eu ia talvez minorar o rigor de sua sorte; parou instantaneamente, cruzou as mãos no peito, e com voz súplice, murmurou algumas palavras que eu não pude entender.

Aquela atitude comovedora despertou-me compaixão; apesar do medo que nos causa a presença dum calhambola, aproximei-me dele, e com voz, que bem compreendeu ser protetora e amiga, disse-lhe:

— Quem és, filho? O que procuras?

— Ah! Minha senhora, — exclamou erguendo os olhos ao céu, — eu procuro

minha mãe, que correu nesta direção, fugindo ao cruel feitor, que a perseguia. Eu também

agora sou um fugido: porque há uma hora deixei o serviço para procurar minha pobre mãe, que além de doida está quase a morrer. Não sei se ele a encontrou; e o que será dela.

Ah! Minha mãe! É preciso que eu corra, a ver se acho antes que o feitor a encontre.

— Aquele homem é um tigre, minha senhora, é uma fera.

Ouvia-o, sem o interromper, tanto interesse me inspirava o mísero escravo.

— Amanhã, — continuou ele, — hei de ser castigado; porque saí do serviço, antes das seis horas, hei de ter trezentos açoites; mas minha mãe morrerá se ele a encontrar. Estava no serviço, coitada!

Minha mãe caiu,
desfalecida; o feitor lhe
impôs que trabalhasse,
dando-lhe açoites; ela
deitou a correr gritando.
Ele correu atrás. Eu corri
também, corri até aqui
porque foi esta a
direção que tomaram.

Mas, onde está ela, onde
estará ele?

— Escuta, — lhe tornei então, — tua mãe está
salva, salvou-a o acaso; e o feitor está
agora bem longe daqui.

— Ah! Minha senhora, onde, onde está a
minha mãe e quem a salvou?

— Segue-me, — disse eu — tua mãe está ali — e
aponte para a moita onde se refugiara.

— Minha
mãe,

— sem receio de ser ouvido, exclamou o filho —

minha mãe!...

Com efeito, ali com a fronte reclinada sobre um
tronco decepado; e o corpo distendido no chão,
dormia um sono agitado a infeliz foragida.

— **Minha mãe,** — gritou-lhe ao ouvido
curvando os joelhos em terra, e tomando-a nos seus
braços.

— Minha
mãe... sou

Gabriel...

A esta exclamação de pungente angústia, a mísera pareceu despertar.

Olhou-a fixamente; mas não articulou um som.

— **Ah!** — redarguiu Gabriel, —

**ah! Minha
senhora!
Minha
mãe
morre!**

Concheguei-me àquele grupo interessante a fim de prestar-lhe algum serviço. Com efeito era tempo. Ela era presa dum ataque espasmódico. Estava hirta e parecia prestes a exalar o derradeiro suspiro.

— Não, ela não morre deste ataque; mas é preciso prestar-lhe pronto **SOCORRO** — disse-lhe.

— **Diga,
minha
senhora,**

— tornou o rapaz na mais pungente ansiedade, —

que devo

fazer? Volte eu embora à fazenda, seja castigado com rigor; mas não quero,

**não posso ver
minha mãe morrer**

aqui, sem socorro

algum.

— Sossega, – disse-lhe, vendo assomar ao morro, donde observavam tudo que acabo de narrar, os meus criados, que me procuravam; – espera, disse-lhe:

— Vou fazer transportar tua mãe, à minha casa, e lhe farei tornar à vida.

— Diga, minha senhora, ordene.

— Não moro presentemente longe daqui. Sabes a distância que vai daqui à praia? Estou nos banhos salgados.

— Sei, sim, senhora, é muito perto. Que devo então fazer?

— Tu, e estes homens – os criados acabavam de chegar – vão transportá-la imediatamente à minha morada, e lá procurarei reanimá-la.

— Oh! Minha senhora, que bondade! – foi só o que disse e, ato contínuo, tomou nos braços a pobre mãe, ainda entregue ao seu dorido paroxismo, disse:

— Minha senhora, eu só levaria minha mãe ao fim do mundo.

Senti-me tocada de veneração em presença daquele amor filial, tão singelamente manifestado.

— Sigamos então, – tornei eu.

Gabriel caminhava tão apressadamente que eu mal podia acompanhá-lo.

Em menos de quinze minutos transpúnhamos o umbral da casinha, que há dois dias apenas eu habitava.

Eu bem conhecia a gravidade do meu ato: recebia em meu lar dois escravos foragidos, e escravos talvez de algum poderoso senhor; era expor-me à vindita da lei; mas em primeiro lugar o meu dever, e o meu dever era socorrer aqueles infelizes.

Sim, a vindita da lei; lei que infelizmente ainda perdura, lei que garante ao forte o direito abusivo, e execrando de oprimir o fraco.

Mas, deixar de prestar auxílio àqueles desgraçados, tão abandonados, tão perseguidos, que nem para a agonia derradeira, nem para transpor esse tremendo portal da Eternidade, tinham sossego, ou tranquilidade! Não.

Tomei com coragem a responsabilidade do meu ato: a humanidade me impunha esse santo dever.

Fiz deitar a moribunda em uma cama, fiz abrir as portas todas para que a ventilação se fizesse livre, e

boa, e prestei-lhe os serviços, que o casourgia, e com tanta vantagem, que em pouco recuperou os sentidos.

Olhou em torno de si, como que espantada do que via, e tornou a fechar os olhos.

— **Minha
mãe!... Minha
mãe,** – de novo exclamou o filho.

Ao som daquela voz chorosa, e tão grata, ela ergueu a cabeça, distendeu os braços, e, com voz débil, murmurou:

— **CARLOS!...
URBANO...**

— Não, minha mãe sou Gabriel.

— **GABRIEL,**

– tornou ela, com voz estridente. — **É**

**noite, e
eles para
onde**

FORAM?

— De quem fala ela? – interroguei Gabriel, que limpava as lágrimas na coberta da cama de sua mãe.

— É doida, minha senhora; fala de meus irmãos Carlos e Urbano, crianças de oito anos, que meu senhor vendeu para o Rio de Janeiro. Desde esse dia ela endoideceu.

— Horror! – exclamei com indignação e dor. Pobre mãe!

— Só lhe resto eu, – continuou soluçando – só eu... só eu!...

Entretanto, a enferma pouco e pouco recobrava as forças, a vida, e a razão. Fenômenos da morte,

por assim dizer: é luta imponente, embora da natureza, com o extermínio.

— GABRIEL?
GABRIEL?
És tu?— É
noite. EU
MORRO... E O
SERVIÇO? E O
FEITOR?

— Estás em segurança, pobre mulher, disse-lhe, — tu e teu filho estão sob a minha proteção. Descansa, aqui ninguém lhes tocará com um dedo.

Como não devem ignorar, eu já me havia constituído então membro da sociedade abolicionista da nossa província, e da do Rio de Janeiro. Expedi de pronto um próprio à capital.

Então ela fixou-me, e em seus olhos brilhou luz, esperança, e gratidão.

Sorriu-se e murmurou.

— INDA HÁ
NESTE MUNDO
QUEM SE
COMPADEÇA
DE UM
ESCRAVO?

— Há muita alma compassiva,
— retorqui-lhe, — que se condói do sofrimento
de seu irmão.

Naquela hora quase suprema, a infeliz exclamou
com voz distinta:

— Não sabe, minha senhora, eu morro,
sem ver mais meus
filhos! Meu senhor os
vendeu... ERAM TÃO PEQUENOS...
eram gêmeos. Carlos,
Urbano... TENHO a vista tão
FRACA... é a morte que chega.

Não tenho
pena de
MORRER,

tenho pena de
deixar meus filhos...
MEUS POBRES
FILHOS!...
AQUELES que me
ARRANCARAM
DESTES BRAÇOS...

Este que
também é
escravo!...

E os soluços da mãe confundiram-se por muito tempo com os soluços do filho.

Era uma cena tocante e lastimosa, que despedaçava o coração.

Ah! Maldição sobre a opressão! Maldição sobre o escravocrata!

Cheguei-lhe aos lábios o calmante que a ia sustendo, e ordenei a Gabriel fosse tomar algum alimento. Era preciso separá-los.

— Quem é vossemecê, MINHA SENHORA, que tão boa é para mim, e para meu filho?

Nunca encontrei em vida um branco que se compadecesse de mim; creio que Deus me perdoa os meus pecados, e que já começo a ver seus ANJOS.

— E quem é esse senhor tão mau, esse senhor que te mata?

— Então, minha senhora, não conhece o SENHOR TAVARES, DO CAJUÍ?

— Não, – tornei-lhe com convicção, – estou aqui apenas há dois dias, tudo me é estranho; não o conheço. É bom que colha algumas informações dele: Gabriel mas dará.

— GABRIEL! – DISSE ELA – NÃO. EU MESMA. AINDA POSSO FALAR.

E começou:

— Minha mãe era africana, meu pai de raça índia; mas de cor fusca. Era livre, minha mãe era escrava.

ERAM CASADOS e, DESSE MATRIMÔNIO, nasci eu. Para minorar os castigos que este homem cruel infligia diariamente a minha pobre mãe, meu pai

quase consumia seus dias
ajudando-a nas suas desmedidas
tarefas; mas ainda assim,
redobrando o trabalho, conseguiu
um fundo de reserva em meu
benefício.

Um dia apresentou a meu
senhor a quantia realizada,
dizendo que era para o meu
resgate. Meu senhor recebeu
a moeda sorrindo-se – tinha
eu cinco anos – e disse:

— A primeira vez que for à cidade trago a carta
dela. Vai descansado.

Custou a ir à cidade: quando foi
demorou-se algumas semanas e,
quando chegou, entregou a meu
pai uma folha de papel escrita,
dizendo-lhe:

— Toma, e guarda, com cuidado, é a carta de
liberdade de Joana.

Meu pai não sabia ler, de
agradecido beijou as mãos
daquela fera.

Abraçou-me,
chorou de alegria, e guardou
a suposta carta de
liberdade.

Então furtivamente eu comecei
a aprender a ler, com um escravo
mulato, e a viver com alguma
liberdade.

Isto durou dois anos. Meu pai
morreu de repente e, no dia
imediatamente, meu senhor disse a
minha mãe:

— Joana que vá para o serviço, tem já sete anos, e eu não admito escrava vadia.

**MINHA mãe, SURPRESA e
CONFUNDIDA, CUMPRIU a ORDEM
SEM ARTICULAR UMA PALAVRA.**

Nunca a meu pai passou pela ideia que aquela suposta carta de liberdade era uma fraude; nunca deu a ler a ninguém; mas minha mãe, à vista do rigor de semelhante ordem, tomou o papel, e deu-o a ler àquele que me dava as lições. Ah! Eram umas quatro palavras sem nexos, sem assinatura, sem data! Eu também a li, quando caiu das mãos do mulato. Minha pobre mãe deu um grito, e caiu estrebuchando.

**SOBREVEIO-LHE FEBRE ARDENTE,
DELÍRIOS, e TRÊS DIAS DEPOIS
estava com Deus.**

**FIQUEI SÓ no mundo, entregue ao
RIGOR DO CATIVEIRO.**

Aqui ela interrompeu-se; agitou-lhe os membros um tremor convulso. A morte fazia os seus progressos. De novo cheguei-lhe aos lábios a colher do calmante, que lhe aplicava, e pedi-lhe, não revocasse lembranças dolorosas que a podiam matar.

— **AH! MINHA SENHORA,** — começou de novo, mais reanimada; —

**APADRINHE
GABRIEL, meu
FILHO,**

**OU ESCONDA-O NO FUNDO DA TERRA;
OLHE, SE ELE FOR PRESO, MORRERÁ
DEBAIXO DO AÇOITE, COMO tantos
OUTROS, que meu SENHOR
tem FEITO EXPIRAR DEBAIXO DO
AZORRAGUE!**

Meu FILHO ACABARÁ ASSIM.

— Não, não há de acabar assim, — descansa. Teu filho está sob minha proteção, e qualquer que seja a atitude que possa assumir esse homem, que é teu senhor, Gabriel não voltará mais ao seu poder.

Ela recolheu-se por algum tempo, depois tomando-me as mãos, beijou-as com reconhecimento.

— AH! SE PUDESSE, nesta HORA extrema VER MEUS POBRES FILHOS, CARLOS e URBANO!...

Nunca mais OS VEREI!

Tinham oito anos. Um homem apeou-se à porta do Engenho, onde juntos trabalhavam meus pobres filhos — era um traficante de carne

humana. Ente abjeto, e sem coração! Homem a quem as lágrimas de uma mãe não podem comover, nem comovem os soluços do inocente. Esse homem trocou ligeiras palavras com meu senhor, e saiu.

EU TINHA O CORAÇÃO OPRESSO,
PRESSENTIA UMA NOVA DESGRAÇA.

À hora permitida ao descanso, concheguei a mim meus pobres filhos, extenuados de cansaço, que logo adormeceram. OUVI AO LONGE RUMOR, COMO DE HOMENS QUE CONVERSAVAM. ALONGUEI OS OUIDOS; AS VOZES SE APROXIMAVAM. EM BREVE RECONHECI A VOZ DO SENHOR.

Senti PALPITAR

DESORDENADAMENTE MEU CORAÇÃO;

LEMBREI-ME DO TRAFICANTE... CORRI PARA MEUS FILHOS, QUE DORMIAM, APERTEI-OS AO CORAÇÃO. Então senti UM ZUMBIDO NOS OUVIDOS, FUGIU-ME A LUZ DOS OLHOS E CREIO QUE PERDI OS SENTIDOS.

Não sei quanto tempo durou este estado de torpor; acordei aos gritos de meus pobres filhos, que me arrastavam pela saia, chamando-me:

Mamãe! Mamãe!

Ah! Minha senhora! Abri os olhos. Que espetáculo! Tinham metido adentro a porta da minha pobre casinha, e nela penetrado meu senhor, o feitor, e o infame traficante.

Ele e o feitor arrastavam, sem coração, os filhos que se abraçavam a sua mãe.

Gabriel entrava nesse momento.

— Basta, minha mãe, disse-lhe, vendo em seu rosto debuxados todos os sintomas de uma morte próxima.

— Deixa concluir, meu filho, antes que a morte me cerre os lábios para sempre... Deixa-me morrer amaldiçoando os meus carrascos.

— Por Deus, por Deus, gritei eu tornando a mim, por Deus

Levem-me com meus filhos!

— Cala-te! gritou meu feroz senhor. Cala-te, ou te farei calar.

— POR DEUS, TORNEI EU DE JOELHOS, e tomando as mãos DO CRUEL TRAFICANTE:

— Meus
FILHOS!...
Meus
FILHOS!...

Mas ele, dando um mais forte empuxão e ameaçando-os com o chicote que empunhava, entregou-os a alguém que os devia levar...

Aqui a mísera calou-se; eu respeitei o seu silêncio que era doloroso, quando lhe ouvi um arranco profundo, e magoado.

Curvei-me sobre ela. Gabriel ajoelhou-se, e juntos exclamamos:

— **Morta!**

Com efeito tinha cessado de sofrer. O embate tinha sido forte demais para as suas débeis forças.

A lua percorria melancólica e solitária os paramos do céu, e cortava com uma fita de prata as vagas do oceano.

No mesmo instante, um homem assomou à porta. Era o homem do azorrague que eles intitulavam do feitor; era aquele homem de fisionomia sinistra e terrível, que me interpelara algumas horas antes, acerca da infeliz foragida; e este homem aparecia agora mais hediondo ainda, seguido de dois negros que, como ele, pararam à porta.

— **Que pretende o senhor?** — perguntei-lhe.

— **Pode entrar.**

O pobre Gabriel refugiou-se, trêmulo, ao canto mais escuro da casa.

— Anda, Gabriel, disse-lhe com voz segura, continua a tua obra, e voltando-me para o feitor, acrescentei:

— Eu e este desolado filho ocupamo-nos em cerrar os olhos à infeliz, a quem o cativo e o martírio despenharam tão depressa na sepultura.

Comovidos em presença da morte, os dois escravos deixaram pender a fronte no peito; o próprio feitor, ao primeiro ímpeto, teve um impulso de homem; mas, recompondo de pronto na rude e feroz fisionomia, disse-me:

— É hoje a segunda vez que a encontro, minha senhora, entretanto, não sei ainda a quem falo. Peça-lhe que me diga o seu nome, para que eu conheça o patrão, o senhor Tavares. É escandalosa, minha senhora, a proteção que dá a estes escravos fugidos.

Estas palavras inconvenientes mereceram o meu desdém; não lhe retorqui.

O meu silêncio lhe deu maior coragem, e, fazendo-se insolente, continuou:

— A senhora coadjuvou a mãe em sua fuga; acabou aqui, mais tarde saberemos de quê. Pretenderá também coadjuvar o filho? É o que havemos de ver!... João, Felix!

E com um aceno indicou-lhes o que deviam fazer.

Gabriel, que ao meu chamado voltara para junto do cadáver de sua mãe, sentindo que o vinham prender, levantou-se espavorido, sem saber o que fazer.

— **Detém-te!** — lhe gritei eu.

— **Estás sob a minha imediata proteção;**

— e voltando-me para o homem do azorrague, disse-lhe:

— **Insolente!** Nem mais uma palavra. Vai-te, diz a teu amo, — miserável instrumento de um escravocrata; diz a ele que uma senhora recebeu em sua casa uma mísera escrava, louca porque lhe arrancaram dos braços dois filhos menores, e os venderam para o Sul; uma escrava moribunda; mas ainda assim perseguida por seus implacáveis algozes.

Vai-te e entrega-lhe este cartão; aí achará o meu nome.

Vai, e que nunca mais nos tornemos a ver.

Ele mordeu os beiços para tragar o insulto, e desapareceu.

No dia seguinte, era já de tarde, estava quase a desfilar o saimento da infeliz Joana, quando à porta de minha casinha, vi apaar-se um homem. Era o senhor Tavares.

Cumprimentou-me com maneiras da alta sociedade, e disse-me:

— Desculpe-me, querida senhora, se me apresentou em sua casa, tão brusca e desazadamente; entretanto...

— **Sem cerimônia, senhor,** disse-lhe, procurando

abreviar aqueles cumprimentos que me incomodavam. Sei o motivo que aqui o trouxe, e podemos, se quiser, encetar já o assunto.

Custava-me, confesso, estar por longo tempo em comunicação com aquele homem, que encarava sua vítima, sem consciência, sem horror.

— Peço-lhe mil desculpas, se a vim incomodar.

— Pelo contrário, retorqui-lhe. O senhor poupou-me o trabalho de o ir procurar.

— Sei que esta negra está morta, — exclamou ele, — e o filho acha-se aqui; tudo isto teve a bondade de comunicar-me ontem. Esta negra, continuou, olhando fixamente para o cadáver — esta negra era alguma coisa monomaniaca, de tudo tinha medo, andava sempre foragida, nisto consumiu a existência. Morreu, não lamento esta perda; já para nada prestava. O Antônio, o meu feitor, que é um excelente e zeloso servidor, é que se cansava em procurá-la. Porém, minha senhora, este negro! — designava o pobre Gabriel, — com este negro a coisa muda de figura; minha querida senhora, este negro está fugido; espero, me entregará, pois sou o seu legítimo senhor, e quero corrigi-lo.

— **Pelo amor
de Deus,
minha mãe,**

— gritou Gabriel, completamente desorientado, —

minha mãe, leva-me contigo.

— Tranquiliza-te, – lhe tornei com calma; – não te hei já dito que te achas sob a minha proteção? Não tem confiança em mim?

Aqui o senhor Tavares encarou-me estupefato e depois perguntou-me:

— Que significam essas palavras, minha querida senhora? Não a compreendo.

— Vai compreender-me, – retorqui, apresentando-lhe um volume de papéis subscritados e competentemente selados.

Rasgou o subscrito, e leu-os. Nunca em sua vida tinha sofrido tão extraordinária contrariedade.

— Sim, minha cara senhora, – redarguiu, terminando a leitura; – o direito de propriedade, conferido outrora por lei a nossos avós, hoje nada mais é que uma burla...A lei retrogradou. Hoje protege-se escandalosamente o escravo contra seu senhor; hoje qualquer indivíduo diz a um juiz de órfãos: Em troca desta quantia exijo a liberdade do escravo fulano – haja ou não a aprovação do seu senhor. Não acham isto interessante?

— Desculpe-me, senhor Tavares, – disse-lhe. Em conclusão, apresento-lhe um cadáver, e um homem livre.

Gabriel ergue a fronte,

Gabriel
és livre!

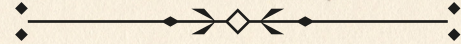
1ª Edição 2022

Esta obra foi composta por Barbara Caetano como parte do seu Trabalho de Conclusão de Curso e não possui fins comerciais. Foram utilizadas as famílias tipográficas: Essonnes Text, Bodoni MT, Caslon Italian, Roboto Condensed e Cormorant Unicase.





JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO

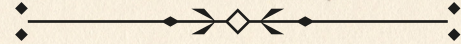


O VOTO FEMININO

COMÉDIA EM UM ATO



JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO



O VOTO FEMININO

COMÉDIA EM UM ATO

Id quo totae reperiore volorro velit ut volessum, nihiciur, archilit quam doluptusae endite plibearit veribus eiumquibus voluptiet ped.

Verum qui que dolupta turecep eriberitist vellent oditemp orporrupis eos eosanto. At doluptame poria pelectatur.

Ipsanti

Oriate Ipsa Volorrum

Aute ipsaectur

Udam Nullit Voluptam

Utem

Ommo Culpa

Nobistiatur Alic Totatem

Quianimaxim Dolorepel

Restibus, tet doluptati sa quae consed molum quia consequi quam adis qui venissi aut abore ma erio. Tem reptas poris aut omni repro inumquibea numque es as alignih illendae non exceat.

Ellit, solupicit lis etur, sum quia sam
(Sapis exero tem doluptae pereper)

Aperibus, Luptam

Quid esed est / exeresequi net vollit; que molo quiam eiumquam doluptatum nis

Vellore, solorec eptiur maíos
enimo comnis porem vollent omnist fugiaepudita
Sequam

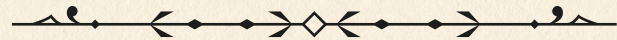
Quiandae quae consed:
Molum quia consequi quam

Venim

Inum, nem ratquaturiae sit late.
Non es magnim ad moloreicidem.

In peritas verio. Igniandus.

Fugit utessimolo totatet vitatem poreicatem etur?

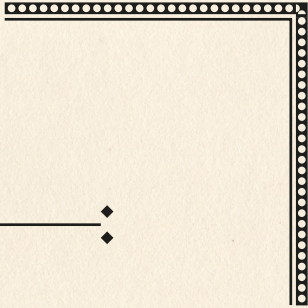


O conteúdo desse livro foi retirado do artigo *Josefina Álvares de Azevedo: teatro e propaganda sufragista no Brasil do século XIX* escrito por Valéria Andrade Souto Maior, publicado na Revista Acervo Histórico, São Paulo, n. 2, p. 65-82, 2004 e pode ser acessado pelo link:
<https://www.al.sp.gov.br/alesp/biblioteca-digital/obra/?id=525>

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi editorado em ambiente acadêmico, não tendo como objetivo sua comercialização.

JOSEFINA ÁLVARES DE AZEVEDO





ÍNDICE



Cena I 19

Cena II 25

Cena III 32

Cena IV 32

Cena V 32

Cena VI 32

Cena VII 55

Cena VIII 69

Cena IX 75

Cena X 80

Cena XI 91

Cena XII 96

Cena XIII 101

Cena XIV 105

Cena XV 111

Cena XVI 120

Cena XVII 120

JOSEFINA

ALVARES

DE

AZEVEDO

Se por um lado existem pouquíssimos registros sobre a vida pessoal de Josefina Álvares de Azevedo, não sendo possível nem ao menos determinar a data e o local em que faleceu, por outro, sua atuação profissional jornalística e literária possui um retrato quase completo.

Sabe-se, através das recentes descobertas em seu jornal, que nasceu em Recife (PE), no dia 05 de março de 1851 e que lá viveu até os 26 anos, se mudando para São Paulo e depois para o Rio de Janeiro.

Não existem registros exatos sobre o nome de seus pais, quantos filhos teve, seu estado civil ou como passou sua infância e juventude, assim como onde realizou seus estudos. Muito embora, se tenha acreditado durante muitos anos que era filha de Ignácio Manoel Álvares de Azevedo (?-1873) e, portanto, meio-irmã, pelo lado paterno de Manoel Antônio Álvares de Azevedo (1831-1852). O que foi negado pela família do escritor, que chegou até a dizer não a conhecer, fato contraproducente, uma vez que Josefina era redatora e diretora de um dos jornais mais combativos e ousados da época, tendo seu nome pronunciado por uma grande parcela da sociedade.

Entretanto, em relato feito mais uma vez em seu jornal, Josefina afirma ser prima de Álvares de Azevedo:

“no dia imediato ao da minha chegada tive a honra de ser recebida por S. M. o Imperador, o qual depois de conversar comigo a respeito de

meu falecido primo o poeta Álvares de Azevedo, declarou-se protetor da minha revista e louvou-me pela missão que tomei sobre meus ombros.” (AZEVEDO, Josefina Alvares de. De São Paulo a Santos. *A Família*, 23 fev. 1889. p. 2. apud SOUTO-MAIOR, 1995, p. 78).

Se sabe que foi mãe exemplar, embora não se tenham maiores registros sobre a maternidade de Josephina que um trecho de uma carta publicada no *Diário do Commercio* e reproduzida no *A Família*, ao comentar a estreia teatral da autora.

Foi através de seu jorna, que Josefina difundiu sua atuação como escritora e em defesa da emancipação social da mulher. Fundado em São Paulo, no ano de 1888, o jornal *A Família* e foi transferido para o Rio de Janeiro em busca de uma maior oportunidade de divulgação seis meses depois, circulou regularmente até 1897-98. Ela é uma das jornalistas “que com mais ênfase vai questionar a construção ideológica do gênero feminino e exigir mudanças radicais na sociedade” (Duarte, p. 157, 2003). Constância Lima Duarte ainda destaca o tom “assumidamente combativo” em defesa da emancipação da mulher e questionamento da tutela masculina, além do jornal ter testemunhado diversos momentos históricos brasileiros e a luta da mulher por direitos, sendo um intenso e incansável trabalho de “militância feminista”. Josefina afirma:

Formem grupos e associações, fundem jornais e revistas, levem de vencida os tirocínios acadêmicos, procurem as mais ilustres e felizes, com a sua influência, aviventar a campanha em bem da mulher e seus direitos, no Brasil: e assim terão as nossas virtuosas e dignas compatriotas pelejado, com o recato e moderação naturais ao seu delicado sexo, pela bela idéia “Fazer da brasileira um modelo feminino de educação e cultura espiritual, ativa, distinta e forte”. (*A família*, ano I, n. especial apud DUARTE, p. 157, 2003)

A primeira causa a ser reivindicada através do *A Família* foi o direito à educação, assim como outras feministas pioneiras. Sendo até mais “radical” que suas companheiras, Josefina exigia uma educação ao sexo feminino que não apenas permitiria que a mulher dirigisse seu lar, como as mais elevadas funções de estado. Importante ressaltar aqui que a primeira legislação brasileira permitindo a abertura de escolas públicas femininas se data do ano de 1827, até então existiam poucas opções para a educação de meninas, como alguns conventos que guardavam as moças para o casamento, raras escolas particulares ou o ensino individual, sendo todos esses voltados aos ensinamentos domésticos (DUARTE, 2003, p. 153). Constância Lima Duarte (2003) ainda afirma que foram essas primeiras e poucas mulheres que tiveram acesso a uma educação diferenciada “que

tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever.”

Durante o final do século XIX, o sufrágio feminino foi uma das grandes reivindicações do feminismo pelo mundo e também no Brasil após a proclamação da República, embora menos acentuada, sendo uma das primeiras estratégias, formal e ampla, a participação política da mulher (ZAHIDÉ MUZART, 2003). Através do *A Família*, Josefina lutou pelo direito ao voto, exigindo a igualdade prometida pela recém implantada República. No jornal publicou uma série de artigos sob o título: *O direito de voto*, que foram mais tarde reeditados sob o nome de *Retalhos* junto com diversos artigos sobre a educação da mulher.

Com a reivindicação pelo voto negada pelo governo no projeto de constituição que se fazia, Josefina pública a peça de comédia *O voto feminino* que logo é representada no Teatro Recreio e recebe diversos elogios e aplausos da imprensa da época. E como forma de pressão às lideranças, a autora ainda consegue apresentar sua peça outras vezes e a publica na coletânea, *A mulher moderna: trabalhos de propaganda* antes do encerramento da Constituinte (SOUTO-MAIOR). Entretanto, Josefina acaba não

atingindo seu objetivo, pois o direito ao voto somente é conquistado em 1932, mais de quarenta anos depois.

Um de seus últimos registros é sua terceira coletânea intitulada *Galeria ilustre: mulheres célebres* onde buscou registrar diversas figuras femininas aos moldes do que era realizado por muitos homens da época. Após o ano de 1899 existe apenas mais um registro da autora conhecido hoje, o artigo *Solidariedade feminina* traduzido do francês por Josefina de Azevedo e publicado na revista *A Mensageira* (SOUTO-MAIOR).

Bibliografia:

A Família: jornal literário dedicado à mãe de família. São Paulo, 1888-89; Rio de Janeiro, 1889-98.

Retalhos (1890)

A mulher moderna: trabalhos de propaganda (1891)

Galleria Illustre: Mulheres celebres (1897)

A solidariedade feminina. *A Mensageira*, São Paulo, 15 dez. 1899. p. 206-8. Tradução do artigo de [Eugénie] Potonié Pierre.

Inédita:

Os companheiros do Sol. Trad. do drama de Paul Jay. (1890)

ONINNO
MAZZEVEDO

O VOTO
JOSEFINA ALVARO

O VOTO
JOSEFINA ALVARO

O VOTO
JOSEFINA ALVARO

ONINNO
JOSEFINA ALVARO

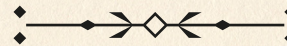
ATO ÚNICO

Sala em casa do conselheiro Anastácio. Mobília rica.
Decoração de luxo.

Personagens:

CONSELHEIRO ANASTÁCIO Castro
DR. RAFAEL, deputado Bragança
DR. FLORENCIO Germano
ANTONIO, criado Pinto
ESMERALDA Isolina
INÊS Elisa Castro
JOAQUINA, criada Luisa Pomi

CENA I



Anastácio (só)

(Ao subir o pano, está sentado com um pequeno

papel na mão, fazendo contas)

ANASTÁCIO

– Cebolas, 200 réis; azeite doce, uma garrafa, 640; fósforos, um pacote, 200 réis; toucinho, um

quilo, 1\$500: (*parando a leitura*). Como está caro o toucinho! (*continuando a ler*) carvão, um saco, 2:000 réis; batas, 240. Soma 4:780. Quatro mil setecentos e oitenta, bem certos. Mas em que foi então que minha mulher gastou cinco mil réis?! (*chamando para dentro*) Senhora! Oh! Senhora! (*pausa*) Há de estar lendo os artigos de fundo dos jornais diários. É a sua mania! E enquanto lê vai tudo por água abaixo como numa correnteza; não há dinheiro que chegue! (*chamando*) Senhora D. Inês! Oh! Senhora D. Inês!

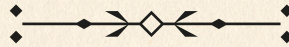
INÊS (*de dentro*)
– Já vou, já vou.



ANASTÁCIO

– Arre! Que a senhora
minha mulher
em se metendo
no gabinete de
leitura, não se
lhe importa
que a casa
caia. Isto é
demais.
Ora
figas!

CENA II



Anastácio e Inês

INÊS (*entrando*)

– Aqui estou, Senhor
Anastácio. Que barulho!
Vão ver que é para aí
qualquer ninharia!

ANASTÁCIO

– Ah! Para a senhora tudo
é ninharia!...

INÊS

– Decerto.

ANASTÁCIO

– Pois não é, não senhora,
são onze vinténs que fal-
tam nesta conta...

INÊS

– Ora, louvado seja Deus!
Por onze vinténs um ba-
rulho tão grande!

ANASTÁCIO

– Pois sim, pois sim; mas
é que muitos onze vinténs
arruinam um homem e...

INÊS

– E o senhor queria que
eu deixasse os meus afaze-
res para estar a tomar con-
ta destas insignificâncias...

ANASTÁCIO

– Sem dúvida. É este o
dever de uma boa dona
de casa.

INÊS

– Meu dever?! Oh! Se-
nhor Anastácio, pois o
senhor quer que a mu-
lher de um ex-conselhei-
ro esteja a ridicularizar
com a criada?

ANASTÁCIO

– Ridicularias! Ridicu-
larias! Para a senhora
só são importantes as
discussões de política, a
literatura piegas desses
franchinotes que andam
peralteando pela rua do
Ouvidor, as borradelas
dos pintores, os teatros,
os partidos, e até os due-
los! Senhora D. Inês, a
senhora não se sai bem
desta vez. Os duelos!

INÊS

– Naturalmente. Então queria o senhor que assim não fosse?

ANASTÁCIO

– Está visto. Ah! Mulheres!... Mulheres!...

INÊS

– Já não estamos no tempo da mulher objeto de casa, escrava das impertinências masculinas.

ANASTÁCIO

– Ora figas, senhora Inês!

INÊS

– Estamos no fim do século XIX, em que o livre arbítrio faz de cada criatura um ser igualmente forte para as lutas da vida, ouviu?

ANASTÁCIO

– Tá, tá, tá, tá. Ora figas! Qual lutas da vida! Qual livre arbítrio! Qual século XIX! Qual nada! A mulher foi feita para os arranjos de casa e nada mais!

INÊS

– O senhor está me desacatando!

ANASTÁCIO

– Ora figas! A senhora é que não está em si; perdeu a razão.

INÊS

– Ah! Não quer que nós tenhamos direitos?!

ANASTÁCIO

– Não, decerto. O pior é que a senhora já está transtornando a cabeça

de minha filha, que anda-me também com as mesmas idéias.

INÊS

– Sem dúvida alguma. E há de aproveitar muito, a nossa querida Esmeralda.

ANASTÁCIO

– Há de ser muito divertido.

INÊS

– Que bonito futuro está reservado à nossa filha!

ANASTÁCIO

– Se for uma boa mãe de família...

INÊS

– Há de ser; e também uma das melhores figuras da nossa política...

ANASTÁCIO

– Que diz?

INÊS

– Se passar a lei...

ANASTÁCIO

– Ó senhora, eu já lhe disse que não me meta a mulher na política!

INÊS

– Que! Não meter a mulher na política! Oh! Senhor Anastácio, a mulher não é porventura um ser humano, perfeitamente igual ao homem?

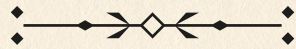
ANASTÁCIO

(com calma)

– Sei lá! O que sei é que a política não foi feita para ela. A mulher metida em política, santo Deus!...

Não me quero incomodar senhora D. Inês. Vou à chácara tomar um pouco de fresco. Até já. (sai).

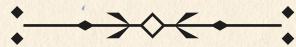
CENA III



INÊS

– São insuportáveis estes monstros de egoísmo! E quando se lhes fala em concorrermos com eles na vida pública, é um Deus nos acuda; fazem logo vir o céu abaixo...

CENA IV



ESMERALDA

(entra lendo um jornal)
– Que quereis fazer de uma mulher como vós

inteligente, como vós ativa, como vós ilustrada, como vós amante da pátria, e que lhe quer, pode e deve prestar todos os serviços?!

INÊS

(que tem estado a prestar muita atenção)

– Sim, sim, o que querem os homens fazer de uma mulher assim?

ESMERALDA

– Oh! Minha mãe, que belo artigo o do Dr. Florêncio, publicado no Correio do Povo de ontem.

INÊS

– É um grande talento!

ESMERALDA

– Tem feito do voto feminino uma campanha célebre.

INÊS

– E há de vencer.

ESMERALDA

– Se vencerá!

INÊS

– Em passando a lei, já se sabe, hás de te apresentar para deputada¹.

ESMERALDA

– Eu, minha mãe?

INÊS

– Sem dúvida. Pois não estás habilitada para isso?

ESMERALDA

– Sim, estou habilitada. Mas meu marido?

INÊS

– Ora, o teu marido! Que se empregue em outra coisa.

ESMERALDA

– É bom de dizer, a senhora sabe, que ele tem sido sempre deputado... E não há melhor emprego do que esse.

INÊS

– De agora em diante serás tu. Se lhe hás de estar todas as noites a ensinar o que ele há de dizer, vai tu mesma dizer o que sabes.

ESMERALDA

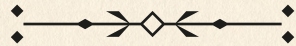
– Pobre Rafael! Ele que deseja tanto subir!...

¹ [Nota da dramaturga] – A palavra como significação de emprego que só convém ao homem é invariável; mas no caso da tese que se discute varia logicamente.

INÊS

– Sobe tu. Faz-te deputada, (*aparece ao fundo a criada*) depois senadora, depois ministra, e talvez que ainda possas chegar a ser presidente da República...

CENA V



Inês, Esmeralda e
Joaquina

JOAQUINA (*entrando*)

– Quem? O senhor Rafael?

INÊS

– Não tola; a Esmeralda.



JOAQUINA (*admirada*)

– Ué!

ESMERALDA

– Ora, mamãe, isso não se faz assim.

INÊS

– Como não; faz-se sim, senhora. E eu hei de ser tua secretária.

JOAQUINA (*contente*)

– Que belo! Nesse tempo eu ficarei sendo sua criada grave.

INÊS

– É verdade, poderás proteger essa rapariga arranjando-lhe algum emprego razoável.

JOAQUINA

– Olhe, minha ama, sabe o que eu queria ser?

ESMERALDA

– Diz lá.

JOAQUINA

– Aquele homem que anda num carro fechado e com dois soldados a cavalo...

ESMERALDA

– Oh! Mulher! Querias logo ser ministra?

INÊS

– Isso é impossível, Joaquina.

JOAQUINA

– Eu sei lá! Queria ser uma coisa que pudesse mandar os soldados.

ESMERALDA

– Mandar soldados, para quê?

JOAQUINA

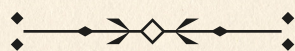
– Para nada, não senhora. (*aparte*) Para mandar prender aquele ingrato do seu Antonico que não se quer casar comvvvigo. (*sai*)

INÊS

(*que tem estado a conversar com Esmeralda, durante o aparte de Joaquina*)

– No dia em que for decretado o nosso direito de voto...

CENA VI



RAFAEL (*entrando*)

– Esmeralda, minha boa amiga! Senhora D. Inês...

ESMERALDA

– Foi decretada?

RAFAEL

– A lei do voto feminino...

INÊS

– O ministro já decidiu?

RAFAEL

– Ainda não. Espera-se a todo o momento.

INÊS

– Que demora!

ESMERALDA

– É possível que seja decretada, não? E o que dizes tu?

INÊS (*aparte*)

– O que diz? Nada, como de costume.

RAFAEL

– Eu!... Eu!... Aplaudivo com entusiasmo essa propaganda.

ESMERALDA

(*sorrindo*)

– Aplaudes? Fazes muito bem.

RAFAEL

– E dou-lhes o meu voto.

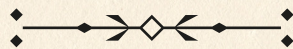
ESMERALDA

– Enfim, vamos ter o direito de voto.

INÊS

– E o de sermos votadas.

CENA VII



ANASTÁCIO

(*entrando, furioso*)

– Que pouca vergonha!

INÊS

– Ora, até que enfim, já se pode ser mulher nesta terra!

ANASTÁCIO

– Como diz?

INÊS

– Digo-lhe que o direito de voto às mulheres vai ser decretado pelo ministro.

ANASTÁCIO

– Está doida, minha senhora.

ESMERALDA

– Está em consulta, meu pai.

RAFAEL

– Está, não; subiu para o ministro.

ANASTÁCIO

– Figas! Figas, é o que é. Pode lá dar-se semelhante patifaria.

INÊS

– Patifaria, não. É a coisa mais justa deste mundo.

ANASTÁCIO

– Se tal acontecer pode-se dizer que o Brasil é uma terra de malucos.

INÊS

– Senhor Anastácio, não me faça falar...

ANASTÁCIO

– Senhora D. Inês, lembre-se de que eu sou um ex-conselheiro de Estado do ex-Império e já fui ministro!

INÊS

– Lembro-me, sim; e por sinal que não era o senhor quem escrevia os despachos; mas sim eu e minha filha, que nem sequer tínhamos o direito de assiná-los.

ANASTÁCIO

– Figas! Figas! A senhora não sabe que é mulher?

INÊS

– E o senhor não sabe que uma mulher não é inferior ao homem?

ANASTÁCIO

– É, é, e será sempre. Para mim nem há dúvida.

ESMERALDA

– Isto é conforme, papá.

RAFAEL

– Sim, é conforme.

ANASTÁCIO

– Qual conforme! É e é!

INÊS

– Não é, não é e não é. Que desaforo! A mulher inferior ao homem! Então foi para ser inferior a um carroceiro que o senhor mandou educar sua filha?

ANASTÁCIO

– Foi para ser uma belíssima mãe de família. Ora figas!

RAFAEL

(*entusiasmando-se*)
– Apoiado.

INÊS

(*olhando para Rafael*)
– Foi para ensinar ao marido, assim como eu ensinei ao senhor. Ora aí está para o que foi!

ANASTÁCIO

– Pois que fosse; mas não para ser votante... Ora figas! Figas!

RAFAEL

(*baixo a Inês*)
– D. Inês, olhe que isso é muito pesado!

ESMERALDA

– Mas isso não é justo, meu pai.

ANASTÁCIO

– Ah! Também pensas como tua mãe! Aqui está o que são as mulheres de hoje! O que todas vocês querem é ficar livres... para não prestarem mais obediência a ninguém. Mas tal não há de acontecer. Figas!

ESMERALDA

– Mas meu pai...

ANASTÁCIO

(*colérico*)
– Qual teu pai, qual nada!

ESMERALDA

– Acalme-se!

ANASTÁCIO

– Isto não tem cabimento.

INÊS

– Ah! Querem a eterna humilhação!

ANASTÁCIO

(*passeando, agitado*)
– Figas! Figas!

INÊS

– Havemos de ser iguais; se a mulher está habilitada para ser mãe, essa missão sublime e grandiosa, porque o não há de estar para exercer o direito de voto?

ANASTÁCIO

– Que querem que façam os homens? Que cedam o lugar às mulheres? Que vão para a cozinha? Que vão dar ponto nas meias?... Que vão... amamentar crianças?

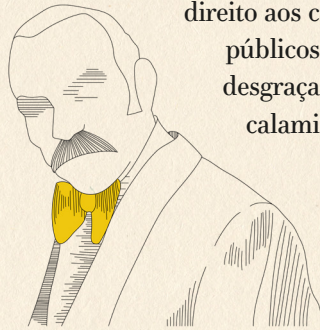
ESMERALDA
– Ninguém diz isso. Ninguém quer tirar o lugar aos homens, sem por isso continuarmos nós na humilhante condição em que temos jazido até hoje.

ANASTÁCIO
– É o mesmo estribilho. Esta gente está idiota.

INÊS
– O Senhor é que parece que perdeu a razão.

ANASTÁCIO
(dirigindo-se a Rafael)
– Meu genro, estamos perdidos, a revolução das saias entrou-nos porta dentro: é preciso reagir. A mulher votante! Com

direito aos cargos públicos! Que desgraça! Que calamidade!



INÊS
– Calamidade é a de termos homens como o senhor que procuram aniquilar os nossos direitos em proveito da sua vaidade.

ANASTÁCIO

(para Rafael)
– O que diz a isso?

RAFAEL *(atrapalhado, olhando para Esmeralda)*
– Eu... eu não digo nada.

ANASTÁCIO
– Se o senhor tem aprovado a atitude delas.

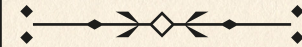
ESMERALDA
– Porque é justo meu pai.

ANASTÁCIO
– Até a senhora! Está desejava por votar e ser votada, ir ao parlamento, sobraçar uma pasta, andar de coupé e ordenanças! São assim todas as mulheres. Ah! Mas eu hei de ensiná-las! Agora é comigo. Senhor meu genro, venha daí. É preciso ser homem,

ouviu? Ser homem! *(empurrando-o na frente)* Ande, mexa-se. Até já, D. Inês. *(saem os dois)*.



CENA VIII



INÊS
(indo a porta)
– Vão conspirar? Pois vão, que os havemos de ensinar.

ESMERALDA
– O quê! Pois pensa que eles serão capazes...

INÊS
– Teu marido não, que é uma mosca morta, um toleirão; mas teu pai...

ESMERALDA
– Meu marido tenho a certeza de que não se atreveria...

INÊS
– Ora, ora! Teu pai o convencerá.

ESMERALDA
– Mas isto é horrível. Conspirarem contra os nossos direitos é matar-nos a esperança de...

INÊS
– É horrível! E diante disso não podemos cruzar os braços!

ESMERALDA
– Mas os outros homens?

INÊS
– São todos iguais.

ESMERALDA
– Que fazer, então?

INÊS
– Iremos ao encontro da sua conspiração.

ESMERALDA
– Neste caso, vamos!

INÊS
– É a conspiração das saias. Hei de mostrar a

esses homenzinhos para quanto presta uma mulher. Vamos Esmeralda.

DUETO

ESMERALDA
– Eia à luta!

INÊS
– Eia à luta! Pois é certa esta vitória.

ESMERALDA
– Batalhemos sem temor.

INÊS
– Sem temor que é nossa a glória.

ESMERALDA
– Seja o homem forte embora...

INÊS
– Sempre é forte o vencedor!

ESMERALDA
– Sejamos fortes...

INÊS
– Lutemos!

ESMERALDA
– Venceremos pelo amor!

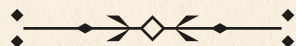
JUNTAS
– Caia o homem!

Mulher acima!
Homem abaixo
é o que se quer.

Pois que é chegado o reinado

Glorioso da mulher!
(terminado o dueto saem)

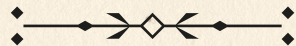
CENA IX



Joaquina (só)

JOAQUINA (*entrando*)
– Que balbúrdia! Parece um dia de juízo o dia de hoje nesta casa. Ouvei falar em conspiração! Há de ser a política das patroas! Até que desta vez vou ser aquele homem do carro e dos soldados. A patroazinha vai ser uma grande coisa! E eu apanho o meu lugarzinho. Então sim, (*aparece Antonio à porta*) mando prender o Antonio e se ele quiser que o solte há de casar-se comigo.

CENA X



Joaquina e Antonio

ANTONIO
– Para isso não é preciso prender-me.

JOAQUINA
– Ui!

ANTONIO
– Não te assustes, meu quitute; sou eu.

JOAQUINA
– Que medo! (*canta*)

DUETO

JOAQUINA
– Oh! Que medo tão danado!
Me fizeste agora entrando.

ANTONIO
– Pois te assustas, meu bem, quando
Meu prazer é ter entrado?!

JOAQUINA
– Tenho nervos, sou medrosa.

ANTONIO
– Nervos assim, tentação?...

JOAQUINA
– Esta surpresa!...

ANTONIO
– Vaidosa! Se tivesses coração...

JUNTOS
– Pode o amor vir de surpresa.
Que bem vale um susto o amor.
Passa o susto e se despreza.
Toda a idéia de terror.

ANTONIO
– Não foi nada; passou.

JOAQUINA
– Não faça outra; ainda estou a tremer. Para outra vez...

ANTONIO
– Para outra vez, hei de pedir licença... para entrar.

JOAQUINA
– Por força; cá não se entra sem mais aquela...

ANTONIO
– Ora, adeus! Eu é que, em gostando dum derriço como tu, não estou com cerimônias... vou entrando... E não faço caso de que me mandem prender, porque como tu sabes, o pássaro preso na gaiola também canta, depois da prisão vem a soltura...

JOAQUINA

– E quem falou em prendê-lo? (*aparte*) Ouvia tudo!

ANTONIO

– Você mesmo. E não sei para quê... se eu já estou preso pelo beicinho...

JOAQUINA

– Eu cá me entendo. Os homens... É verdade: que vieste aqui fazer?

ANTONIO

– Eu? Vim procurar o patrão... e ver-te. Ora, aí está!

JOAQUINA

– Ver-me? Só?... (*suspira*)

ANTONIO

– Só... e procurar o patrão!

JOAQUINA

– Ver-me só!... (*suspira*)

Ai! Ai!

ANTONIO (*suspirando*)

– Só!... se nós já fossemos casados!...

JOAQUINA

– Casados! Ah! O fingido! Como suspira!

ANTONIO

– Casados, sim. Pois tu não és a minha noiva?

JOAQUINA

– Sou. E podemos ser muito felizes. Olha, vai passar-se aqui uma cons... uma cons... Como é mesmo?

ANTONIO

– Eu sei lá mulher! Seja o que for.

JOAQUINA

– Pois sim! A patroazinha vai ser ministro...

ANTONIO

– O quê ?

JOAQUINA

– Ministro!

ANTONIO

– Estás doida, mulher!

JOAQUINA

– Ministro, sim! Ora aí está. E eu vou ter um bonito emprego. Depois me casarei contigo...

ANTONIO

(*desconfiado, aparte, olhando-a muito*)

– Que diz ela? Estará doida? Hom'essa!... (*continua a olhá-la*)

JOAQUINA

– E tu também terás emprego...

ANTONIO

(*resoluto*)

– Menos essa! Eu é que não quero esse emprego!

JOAQUINA

– Então é porque não sabes o que há.

ANTONIO

– O que há?

JOAQUINA

– As mulheres agora vão ser como os homens.

ANTONIO

– Como os homens? E os homens?

JOAQUINA

– Como as mulheres.

ANTONIO

– Livra!

JOAQUINA

– Sim, senhor! Agora somos nós que vamos para os empregos.

ANTONIO

– Oh! Joaquina! Ou tu estás doida, ou estás brincando...

JOAQUINA

– É sério! Eu já pedi a patroa o meu emprego. É aquele em que a gente anda sentada num carrinho com os soldados a cavalo atrás...

ANTONIO



– E eu que fico fazendo?

JOAQUINA

– Tu não precisas trabalhar, não, ficas em casa.

ANTONIO

– Para lavar as tuas saias e esfregar a tua roupa? Eu nunca tive jeito para esfregações...

JOAQUINA

– Como é bom!

ANTONIO

– O quê? As esfregações? Nada, eu não sou homem

para estas coisas. Não quero...

JOAQUINA

– Ah! Se não quiseres assim...

ANTONIO

– Que descaramento!

JOAQUINA

– Qual nada! A mulher está na ponta!

ANTONIO

– Sim... sim... na ponta da cozinha ou, quando muito, na do quintal!

JOAQUINA

– Olha, eu gosto muito de ti; mas lá por isso não é que eu hei de deixar o meu emprego. Se quiseres casar comigo é assim; se não é chuchar no dedo. (*sai*)

CENA XI



Antonio, Rafael e
Anastácio

ANTONIO (*só*)

– E esta! Ser obrigado a fazer de mulher para fíggar este diabo! É horroroso! Porque afinal de contas, se isto acontecer, serei obrigado a escamar o peixe, limpar o quarto da mulher, lavar a roupa e fazer a goma para as saias! Isto põe um homem na espinha! Porém no meio disto tudo, do que eu tenho birra é da cozinha! Cozinhar, eu?... Que sempre tive quízilia pelas panelas! Qual! Isto não pode nem deve acontecer. Prefiro morrer de fome a ter de mexer em panelas!

ANASTÁCIO (*entrando, sem reparar em Antonio*)
– Irra! É uma calamidade! O mulherio está alvoroçado!

RAFAEL
– O caso está tomando proporções assustadoras.

ANASTÁCIO
– Não pode ser! É uma desgraça se tal acontecer! É o fim do mundo! É... é... (*a Rafael*) O que é que é?

RAFAEL
– Eu sei lá o que é!

ANASTÁCIO
– Pois sei eu... É... é... (*com custo*) é uma figa, ora, aí está o que é.

RAFAEL
– Estamos bem servidos, não há dúvida!

ANASTÁCIO
– Está claro! Votam as mulheres, as mulheres são votadas! Para elas os empregos, as honras, as posições, e tudo, tudo! Que há de fazer o homem? Ficar em casa pregando colchetes nas saias?

RAFAEL
– Isso nunca!

ANTONIO (*aparte*)
– Os homens estão danados!

ANASTÁCIO
– É preciso conspirar!

RAFAEL
– Mas como? De que modo?

ANTONIO (*aparte*)
– Sim, eu também sou interessado na questão!

ANASTÁCIO
– De que modo? Ir contra as mulheres! Impedir que isso se dê.

RAFAEL
– Ir contra as mulheres?! Mas vê que isso é difícil!

ANTONIO (*aparte*)
– Eu cá por mim, já estou resolvido a lavar as saias da Joaquina.

ANASTÁCIO
– Qual difícil! Vou fazer um meeting! Estamos já aqui dois homens (*reparando em Antonio*), com este que apesar de ser o criado do Dr. Florêncio, há de acompanhar-nos, três; (*agarra-o pelo braço*) o compadre Izidro, quatro...

RAFAEL

– O Silva cinco.

ANASTÁCIO
– Qual Silva! Qual nada! Aquilo é um banana! Um pancada! É capaz de tomar as saias da mulher e ir para o lado delas. Queremos homens que não se entreguem a essas lambisgóias. (*segurando Antonio, que ainda o conserva seguro*) Você é homem?

ANTONIO
– Pelo menos pareço.

RAFAEL
– Nesse caso, é uma guerra de morte?

ANASTÁCIO
– De morte? Não, de honra!

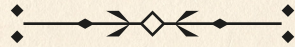
ANTONIO

– Ui! Não me aperte o braço!

ANASTÁCIO

– Fora com o voto às mulheres!

CENA XII



Os mesmos e Dr.
Florêncio

DOUTOR

– Bom dia! Que é isso?
Vejo-os exaltados!

ANASTÁCIO

– Muito obrigado! O senhor é que é o causador de toda esta balbúrdia, de toda esta exaltação!

RAFAEL

– Sim, o senhor mesmo.

DOUTOR

– Mas, senhor conselheiro...

ANASTÁCIO

– Figas! Meu amigo! Figas! A cidade está em desordem! O mulhério está alvoroçado!

RAFAEL

– Até a minha mulher!

DOUTOR

– Meu colega, que é isto?
Explique-se.

ANASTÁCIO

– Não há explicações. Agora é cada um tratar de defender os seus direitos.

RAFAEL

– Até a minha Esmeralda!

ANASTÁCIO

– E afinal de contas, também a senhora Inês!

DOUTOR

– Mas o que tenho eu com isto?

ANASTÁCIO

– Minha mulher está doída! Compreende, doída!

RAFAEL

– E eu estou aqui e estou sem mulher, sem a minha Esmeralda!

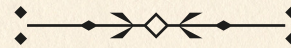
DOUTOR

– Mas senhores, digam-me o que tenho que ver com isso.

RAFAEL

– Foi o colega que andou introduzindo esta trapalhada por aí.

CENA XIII



Os mesmos, Esmeralda e Inês

INÊS

– Que grande vitória! Ah! Ainda bem que os encontro reunidos. Tenho boas notícias a dar-lhes. (*vendo o doutor*) Oh! Doutor! Não sabe quanto prazer sinto com a sua visita.

ANTONIO (*aparte*)

– O que estará a Joaquina a fazer na cozinha?

ESMERALDA

– Aceite os meus cumprimentos pelo seu brilhante artigo de ontem.

DOUTOR

– Oh! Minhas senhoras! V. Exas. confundem-me. (*dirigindo-se a Antonio*) Que fazes aqui?

ANTONIO

– Vim aqui para saber de meu amo a que horas vai jantar.

INÊS

– O doutor janta conosco.

ANTONIO

– Nesse caso...

DOUTOR

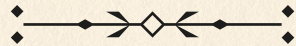
– Podes retirar-te.

ANTONIO

(*aparte, saindo*)

– Graças a Deus! Que estou livre das unhas e das figas do velho!

CENA XIV



Os mesmos, menos
Antonio

INÊS

– Pois como ia dizendo, tenho boas notícias a dar.

ANASTÁCIO

– É escusado, não quero aqui mais discussões.

INÊS

– Pois quero eu! De ora em diante mandam todos igualmente. E para o futuro, seremos iguais perante a lei.

ANASTÁCIO

– Nunca, senhora Inês; nunca!

RAFAEL

– Nunca, repito. O direito de voto não há de vir.

ESMERALDA

– Olá, senhor meu marido, então o senhor também?...

RAFAEL

– Não... sim... Mas isso é uma invasão de atribuições...

DOUTOR

– Perdão, eu creio que se trata do voto feminino. É uma coisa perfeitamente justa!

ANASTÁCIO

– Justa! Isso diz o senhor. E sabe porque o diz? É porque não é casado.

RAFAEL

– Descansem! O direito de voto à mulher não veio nem virá!

ESMERALDA

– Lá isso não. A consulta está em mãos do ministro; hoje ou amanhã será introduzida na lei.

DOUTOR

– Sem dúvida alguma. É uma das mais belas conquistas deste fim de século; a reparação de uma injustiça secular, dos tempos bárbaros.

INÊS E ESMERALDA

– Muito bem, doutor; muito bem!

RAFAEL

– É o ridículo sobre os homens!

DOUTOR

– Mas senhores, sejamos todos cordatos. O direito de voto às mulheres é de toda a justiça.

ANASTÁCIO

– Não é só o direito de voto que elas querem, é o direito de votar e ser votadas. É o reinado das saias!

DOUTOR

– Não há tal. Será antes o reinado das competências. De ora em diante não veremos mais na sociedade a impostura de serem as mulheres que façam as coisas e os homens que recebam as honras... como por aí se dá...

ANASTÁCIO

(baixo a Rafael)

– Isto agora é com o senhor.

RAFAEL *(o mesmo)*

– Comigo, não; é com o senhor.

DOUTOR

– Se a mulher tem aptidão para adquirir títulos científicos, porque não há de ter para os cargos públicos?

INÊS

– Apoiado; e aqui está a Esmeralda para prova.

DOUTOR

– Se pode exercer cargos públicos, porque não há de poder desempenhar o mandato?

ANASTÁCIO

– Mas nesse caso, teremos também de ser governados por elas.

RAFAEL

– Virão ocupar os nossos lugares.

DOUTOR

– Quando provarem competência para eles, porque não?

ANASTÁCIO

– Seria horrroso! Isso não! A destituição do

homem, o predomínio nefasto da fragilidade feminina! Figas!

ESMERALDA

– Seria a mais bela das conquistas humanas, porque nós não somos senão iguais aos homens, apenas tendo diferenças sexuais e virtudes para melhor.

ANASTÁCIO

– Cala-te! Cala-te! E que farão os homens?

INÊS

– O que puderem e souberem fazer.

ESMERALDA

– É a compensação das iniquidades de tantos séculos!

DOUTOR

– Demais, nem todas as mulheres irão ocupar cargos importantes, assim como nem todos os homens hoje os ocupam.

ANASTÁCIO

– E o escândalo?

ESMERALDA

– A moralidade existe por si.

INÊS

– Senhor Anastácio, fique certo de que o domínio das calças está para acabar.

ANASTÁCIO

– Nunca! Ora figas!

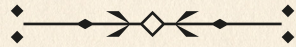
RAFAEL

– Senhora minha sogra, cuidado com os homens!

ANASTÁCIO

– Pois fiquem certas de que não hão de levar o melhor. (sai)

CENA XV



Os mesmos, menos
Anastácio

DOUTOR

– Tenho certeza de que a mulher será emancipada; e com o direito que lhe cabe à elegibilidade, far-se-á representar no parlamento, já nesta sessão.

RAFAEL

– Meu colega, olhe que isto é muito.

ESMERALDA

– Rafael, lembra-te que és meu marido.

INÊS

– Sem dúvida. O senhor Rafael deve ser razoável.

DOUTOR

– Há de ser. Ainda hei de vê-lo cabalando pela candidatura da senhora D. Esmeralda.

INÊS

– O que me dá cuidado é o Anastácio. Que iria aquele homem fazer agora à rua?

RAFAEL (*com malícia*)

– Naturalmente foi ao ministro.

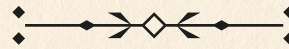
INÊS E ESMERALDA

– Ao ministro?!

DOUTOR

– Não há de ser nada. Não conseguirá coisa alguma.

CENA XVI



Os mesmos e Anastácio

ANASTACIO (*fora*)

– Meu genro! Meu genro! (*entra esbaforido, com um jornal na mão*)

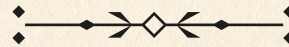
INÊS E ESMERALDA

– Céus! Que foi!

ANASTÁCIO (*mostrando o jornal*)

– Está aqui! Aqui!

CENA XVII



Os mesmos, Joaquina,
depois Antonio

INÊS

– O decreto?!

ANASTÁCIO

– Qual decreto, qual nada! Não votam!

TODOS

– Ah!

JOAQUINA (*aparte*)

– Lá se foi o meu emprego!

ANASTÁCIO

– O ministro despachou a consulta que lhe foi submetida, nestes termos: (lê) O governo resolvendo a questão apresentada não considera nem oportuna, nem conveniente, qualquer (aparece Antonio) inovação na legislação vigente no intuito de admitir as mulheres *sui juris* ao alistamento e ao exercício da função eleitoral!

ANTONIO

– A-q-u-i! Menéres!

RAFAEL

– Bravo! Muito bem!

ANASTÁCIO

– Já vêm que não votam, minhas senhoras.

INÊS

– Horror!

ANTONIO

– Então Joaquina, ainda pensas em ser ministra?

JOAQUINA

– Só se for do teu coração!

ANTONIO

– Visto não teres o tal emprego, nem o carrinho, nem os soldados a cavalo atrás, eu peço a tua mão.

JOAQUINA

– Aqui a tens!

DOUTOR

– Ainda não me dou por vencido.

ANTONIO

– O patrão se me der licença, eu sempre diria uma coisa...

DOUTOR

– Dize lá.

ANTONIO

– A mulher não foi feita de uma costela do homem?

DOUTOR

– Foi.

ANTONIO

– A costela é o emblema do descanso. Portanto, a mulher não foi feita para a calaçaria das ruas.

ESMERALDA

– Para que foi então?

ANTONIO

– Para os arranjos da casa... e etc. e tal.

ANASTÁCIO

– Ele tem razão. O verdadeiro lugar da mulher é no centro da família.

ESMERALDA

– Não se entusiasmem tanto. Ainda temos um recurso. Aguardemos a Constituinte!

ENSEMBLE

ESMERALDA

– A querida vitória há de, creio.
Dar-nos ganho de causa por fim

RAFAEL

– Isso não, que eu não marcho no meio!

INÊS

– Ah! Respiga! Pois sim!
Oh! Pois sim!

ESMERALDA

– Venceremos, ou não?
Doutor, diga!

DOUTOR

– Por que não?! A vitória é fatal!

ANASTÁCIO

– Ora figas! Ora figa!
Ora figa!
Esta gente está doida, afinal!

AS MULHERES

– Pois veremos, senhores, veremos.
Vencerá a razão, vencerá.
Justo é pois que por isso esperemos.
Confiantes daqui até lá!

OS HOMENS

– Ora qual! Ora qual!

Não tememos!

Ficará tudo assim como
está!

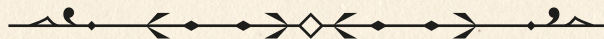
E seguros do caso espe-
remos

Confiantes daqui até lá



FIM

1891



OSSEFINA APLAVRES DE VAREZANO
DOBO FEMINISMO
ONINIBRETT OTO
OSSEFINA FOMPAVIA AVI

1ª Edição 2022

Esta obra foi composta por Barbara Caetano
como parte do seu Trabalho de Conclusão
de Curso e não possui fins comerciais. Foram
utilizadas as famílias tipográficas: Essonnes
Text, Bodoni MT e Caslon Italian.



